

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

***K'ICHE E KAQCHIKEL: A ESCRITA DOS DOCUMENTOS MAIAS NO
SÉCULO XVI NA REGIÃO DAS TERRAS ALTAS DA GUATEMALA.***

KARINA APARECIDA AVELINO MONTE

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

***K'ICHE E KAQCHIKEL: A ESCRITA DOS DOCUMENTOS MAIAS NO
SÉCULO XVI NA REGIÃO DAS TERRAS ALTAS DA GUATEMALA.***

KARINA APARECIDA AVELINO MONTE

Sob a orientação do Professor Doutor

Luis Guilherme Assis Kalil

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder, Linguagens e História Intelectual.

SEROPÉDICA, RJ

(FEVEREIRO, 2023)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada

com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

M772k

Monte, Karina Aparecida Avelino Monte, 1988-
K'iche e Kaqchikel: a escrita dos documentos maias
no século XVI na região das terras altas da Guatemala
/ Karina Aparecida Avelino Monte Monte. - Rio de
Janeiro, 2023.
93 f.

Orientador: Luís Guilherme Assis Kalil.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2023.

1. Maia. 2. Identidade . 3. Grupo étnico . 4.
Indígena . I. Kalil, Luís Guilherme Assis , 1984- ,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História III.
Título.

Dedico esta dissertação aquela que sempre soube me apoiar e da qual tenho muito orgulho por ser filha: minha mãe. Obrigada por tudo que fez e faz por mim!

AGRADECIMENTOS

Depois de dois anos, mais uma etapa chega ao fim. Durante essa trajetória da minha vida, construí conhecimento, encontrei pessoas com as quais aprendi muito, aprendizados que me ressignificaram tanto no âmbito profissional como no pessoal, e gostaria de citar alguns nomes que se fizeram importantes ao longo desta caminhada.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. Sou grata a eles por toda a educação que me deram, por todo apoio e amor incondicional, sem eles nada disso teria sido possível. Serei eternamente grata por tudo que já fizeram por mim e pelos meus irmãos. Amo vocês!

Agradeço aos meus irmãos, Leonardo e Aline, por terem cuidado sempre dos nossos pais enquanto precisei me ausentar, seja pelos estudos ou pelo trabalho. Agradeço a eles também pelas preciosidades que tenho em minha vida: minhas sobrinhas Eduarda, Sophia, Yasmin, e agora meu sobrinho Arthur, que antes mesmo de vir ao mundo no dia 31/01/2023, já nos mostrou o quanto ele é forte e abençoado.

Agradeço a minha cunhada Liriana, por todo cuidado e amor para com minha mãe.

Ao meu orientador, Luís Guilherme Assis Kalil, por ter aceitado me orientar e que me ajudou durante todo esse processo de finalização da pesquisa. Obrigada por todos os conselhos e orientações, sua participação nesta etapa foi de suma importância.

À professora Patricia Faria que sempre acreditou em mim e no potencial da minha pesquisa. Sou grata por todos os conselhos e orientações ao longo desses anos, me sinto privilegiada por ter sido sua aluna. Obrigada por toda a sua empatia em um dado momento da minha vida.

Agradeço também a professora Eliane Garcindo de Sá por ter aceito fazer parte da minha banca de defesa.

À Gláucia Cristiani Montoro que me acompanha já há alguns anos e que me proporcionou o primeiro contato com um documento maia. Ela foi a responsável por despertar em mim a paixão pela história indígena na América. Sou grata por todos os ensinamentos e orientações! E não poderia deixar de agradecer também ao Marcos, por me receber em sua casa sempre com muito carinho e afeto durante todos esses anos.

Agradeço aos professores e professoras da UFRRJ que contribuíram para minha formação acadêmica.

Aos meus amigos Guilherme, Veronika, Bárbara e Ana Carolina que me acompanham desde 2009. Sou muito abençoada por tê-los em minha vida! Obrigada por todo o carinho e amizade durante todos esses anos, sem vocês a caminhada teria sido muito mais difícil.

Agradeço às minhas tias Izabel, Vera, e meu padrinho Quinho, que sempre me apoiaram mesmo que distante. Obrigada por todo amor e carinho desde a infância.

Agradeço à família Anacleto de Souza por ter me acolhido desde quando cheguei a suas vidas. Obrigada por todo carinho e amizade ao longo desses anos João, Tia Neide, Tio Joca (*in memoriam*) e Tio Lula. Fica aqui o meu muito obrigada a essa família especial.

Agradeço ao Ricardo por toda confiança em meu trabalho, pelo carinho e pela parceria ao longo desses anos. Desejo todo sucesso do mundo a ti, pois você merece por toda sua dedicação.

À Izinha por toda sua amizade e parceria. Obrigada por toda paciência e por entender os meus momentos de estresse por causa do trabalho, dos estudos, e pelo cansaço mental. Sou muito afortunada por tê-la em minha vida e serei eternamente grata por tudo que já fez por mim. Obrigada pelo carinho e por tornar o dia a dia mais leve.

Agradeço também às amigas Bibiana, Camila dos Anjos e Mariana por todo seu apoio e amizade desde a graduação.

Agradeço também à Marcela Oliveira, que me ajudou em uma certa fase do mestrado que eu estava perdida sobre os rumos da pesquisa. Obrigada pelas conversas e leitura.

Agradeço aos meus colegas de pesquisa de Estudos Mayas por toda parceria e estudos realizados acerca do tema. Espero que possamos acrescentar novos debates para a área de estudo no Brasil.

E, por fim, gostaria de agradecer aos professores do Programa de Pós Graduação em História da UFRRJ, por contribuírem para minha formação durante o mestrado. Em especial ao Paulo, que sempre teve muito paciência e bondade para conosco.

Obrigada a todos que fizeram parte deste momento de alguma forma!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

RESUMO

MONTE, Karina Aparecida Avelino. ***K'iche e Kaqchikel: a escrita dos documentos maias no século XVI na região das terras altas da Guatemala***. 2023. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

Esta dissertação tem como objetivo analisar, através dos discursos históricos produzidos pelas elites indígenas maias, o que pode ter as motivado a reescrever sobre seu passado durante o período colonial. Para refletir sobre tal objetivo, iremos utilizar dois documentos maias produzidos durante o período colonial: o *Título de Totonicapan* e o *Memorial de Sololá*, o primeiro escrito pela linhagem dos *k'iche*, e o segundo pela linhagem *kaqchikel*. Pensando nisso, e na transformação na qual se dava o discurso indígena, pois ele estava muito atrelado ao poder, nossa hipótese inicial é a de que esses documentos foram instrumentos não só para reafirmar a existência desses nativos, mas também uma forma de conservar características de suas identidades étnicas, bem como da linhagem governante no poder. Além disso, acreditamos que esses documentos serviram como instrumento de legitimação da posse de terra.

Palavras-chave: Maia – Identidade – Grupo étnico – Indígenas

ABSTRACT

MONTE, Karina Aparecida Avelino. *K'iche and Kaqchikel: The writing of Mayan documents in the 16th century in the highland's region of Guatemala*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2023.

This thesis aims to analyze through historical speeches made by the Maia indigenous elite what may have motivated them to rewrite their past during the colonial period. Reflecting at this we will use two Maia documents produced during the colonial period: the *Totonicapan* title and *Sololá Memorial*, the first one written by the *k'iche* lineage and the second by the *kaqchikel* lineage. Thinking about that and at the transformation in the indigenous discourse, given that he was attached to the power. Our initial hypothesis is that these documents were not only used to reassert the existence of these natives but also as a way to preserve their ethical identity as well the government lineage in power. Besides, we believe that they also served as a tool to probate land ownership.

Keywords: Mayan - Identity - Ethnical Group - Indigenous

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I	
A REGIÃO MAIA: ANTECEDENTES E A CONQUISTA ESPANHOLA.....	18
1.1: Mesoamérica.....	18
1.1.1 A Mesoamérica: delimitação.....	18
1.1.2 A zona geográfica maia.....	20
1.1.3 A cronologia das sociedades maias.....	23
1.2 Conquista e evangelização nas Terras Altas da Guatemala.....	28
CAPÍTULO II	
OS TEXTOS MAIAS NO PERÍODO COLONIAL.....	38
2.1. Os escritos no contexto do século XVI	38
2.2. El Título de Totonicapan.....	51
2.3. Memorial de Sololá.....	55
2.4. A estrutura dos documentos do <i>Memorial de Sololá</i> e <i>Título de los Señores de Totonicapán</i>	57
CAPÍTULO III	
TRADIÇÃO, LEGITIMAÇÃO E AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS INDÍGENAS.....	64
3.1- A alteridade na construção do <i>Eu</i>	64
3.2 – Os elementos de legitimação e veracidade nas histórias maias.....	67
3.3 – As elites indígenas e a participação do <i>Outro</i> em suas narrativas Históricas.....	76
CONCLUSÃO.....	85
FONTES.....	87
FONTES AUXILIARES.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88

INTRODUÇÃO

“Ésta es nuestra genealogía, que no se perderá, porque nosotros conocemos nuestro origen y no olvidaremos a nuestros antepasados.”

Memorial de Sololá

A presente pesquisa tem por objetivo analisar, através dos discursos históricos, o que pode ter motivado as elites indígenas maias a reescreverem sobre seu passado durante o período colonial. Para tal fim, faremos uso de dois documentos produzidos por duas linhagens de grupos étnicos distintos: o *Memorial de Sololá*, escrito pela linhagem *kaqchikel* dos Xahilá, e o *El Título de Totonicapan*, produzido pela linhagem *k'iche Cawek*. Através da análise das narrativas presentes nestes documentos, pretendemos observar, especificamente, como se deu a legitimação de poder dessas elites frente aos espanhóis, bem como a busca pela legitimação da posse de terras durante o período colonial.

A chegada dos espanhóis à América trouxe mudanças para as sociedades indígenas que ali viviam em seus mais diversos aspectos. Neste período, denominado por alguns pesquisadores como “pós-clássico”¹, muitos documentos indígenas, templos e artefatos das culturas pré-hispânicas foram destruídos pelos espanhóis por serem considerados objetos vinculados às crenças indígenas, então interpretadas como idolatria.

Segundo o historiador francês Jean Delumeau, antes da chegada da cristandade ao Novo Mundo, a idolatria praticada pelos nativos era considerada “um pecado contra a natureza, pois é acompanhada necessariamente de antropofagia, sacrifícios humanos,

¹ O período pós clássico compreende ao período de chegada dos espanhóis a região da Mesoamérica. Explicaremos melhor essa parte da cronologia da área maia mais a frente, no capítulo I desta dissertação.

sodomias e bestialidade”². Além disso, ela se revelaria um obstáculo contra o evangelho, sendo necessário o uso da autoridade e poder da Igreja a fim de eliminar qualquer tipo de prática que remetesse ao passado idolátrico. Desta forma, caberia aos evangelizadores demonstrar que determinadas práticas religiosas das culturas nativas, como a adoração a divindades e a realização de sacrifícios a elas, estavam diretamente relacionadas ao diabo, e que ambos representavam a mesma coisa. Tendo em vista que o demônio era o “inspirador e objeto” das crenças indígenas, seria necessário que houvesse uma política de destruição de objetos que fossem relacionados a elas. Esse processo fica visível quando tomamos os códices como exemplo, considerados como arquivos pagãos pelos religiosos cristãos, responsáveis pela destruição sistemática de quase todos os exemplares pré-colombianos.³

Na presente pesquisa, temos como foco analisar o período posterior à chegada dos espanhóis e do início do processo de evangelização dos grupos nativos, quando membros das antigas elites locais buscaram reescrever suas histórias à luz de um novo contexto político e cultural. Consideramos importante ressaltar que não buscaremos nas próximas páginas distinguir no interior dos documentos analisados elementos associados à cultura maia pré-hispânica de outros relacionados ao cristianismo, mas sim refletir o que poderia ter levado esses indígenas a reescreverem suas histórias, levando-se em conta, sobretudo, a importância que outros grupos étnicos possuem para a construção das histórias narradas pelos autores dos documentos.

O processo de estudo desses documentos indígenas maias, seja ele em seu idioma ou em caracteres latinos, tiveram seu início a partir de meados do século XIX. Nas décadas seguintes, o interesse de estudiosos pela história das culturas mesoamericanas fez com que muitos destes textos fossem traduzidos e difundidos, nos permitindo assim ter acesso às fontes documentais da cultura maia. Dentre os diversos estudiosos que possuem como tema central de suas pesquisas a sociedade maia ou seus documentos, destacamos alguns cujas reflexões contribuíram em nossa análise dos documentos abordados na presente pesquisa.

Em seu texto *Las relaciones interétnicas en México*, Federico Navarrete busca questionar o mapa étnico que é usado para compreender a realidade de seu país, baseado

² DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: idólatras e muçulmanos. In: *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 386.

³ *Ibid*, p. 388-395.

na divisão entre mestiços e índios. Ao realizar tal análise, o pesquisador mexicano retorna ao passado para compreender a história das relações que se estabeleceu entre os diversos grupos e povos que viveram onde hoje é o território mexicano. Tal estudo foi importante para compreendermos as relações entre os diversos grupos étnicos na região da Mesoamérica e como estas relações eram centrais na construção da história e na identidade de cada comunidade.

De acordo com Federico Navarrete,

“las relaciones interétnicas en Mesoamérica se caracterizaban por la existencia de una gran pluralidad y particularismo étnicos. Las sociedades indígenas estaban organizadas en pequeños estados independientes, llamados allépetl en náhuatl, que dominaban territorios relativamente pequeños, como podía ser una ciudad y sus alrededores. Estos señoríos locales tenían una identidad étnica muy fuerte, definida por una historia común, un gobierno propio, el control sobre su territorio y su relación con un dios patrono que cuidaba y gobernaba a su pueblo. Por esta razón, cada uno de estos señoríos locales velaba sobre sus propios intereses y se consideraba diferente y autónomo con respecto a sus vecinos.”⁴

Como podemos observar acima, cada comunidade local defendia sua identidade particular, ao mesmo tempo em que não renunciava sua participação nas identidades culturais mais amplas, como ocorreu, por exemplo, no período colonial, quando fizeram uso dos elementos da cultura do colonizador para defender sua identidade local e, desta forma, manter a continuidade de suas tradições.

Os documentos que versavam sobre as tradições históricas indígenas, tanto no período pré-hispânico quanto no colonial, passaram por momentos de destruição e reescrita, e essa dinâmica fazia parte da manutenção destas tradições pelas elites indígenas no poder, pois definiam sua identidade e sua posição política. As tradições eram sempre propriedade de um grupo, e faziam dela uma herança, que se passava de geração em geração, e a veracidade desta tradição e seus escritos estava baseada na origem de seus ancestrais, ou seja, na “verdade dos antigos”. Cada grupo reivindicava a veracidade de sua tradição, uma vez que essa sustentava sua identidade, e

⁴ NAVARRETE LINARES, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004, p. 40.

*“la verdad de cada grupo se enfrentaba con las verdades contradictorias de sus vecinos y adversarios. Estas confrontaciones giraban alrededor de conflictos políticos y de límites de tierras; sus escenarios eran, en primer lugar, los encuentros que se realizaban entre los grupos en conflicto y, además, los tribunales y audiencias de los poderes superiores ante los que los involucrados presentaban su caso.”*⁵

Ainda que houvesse um esforço por parte das elites em manter viva as suas tradições, as sociedades indígenas passaram por muitas transformações durante o período colonial. Uma delas foi a perda de contato com outras etnias, devido ao isolamento causado pela conquista, o que acentuou as diferenças entre os grupos maias. Ainda assim, tais grupos seguiram defendendo suas identidades, ressignificando-as constantemente. Como pontuado pela estudiosa da cultura maia Mercedes de la Garza, os indígenas seguiram lutando por manter não só suas identidades, mas também suas terras, o que exigia a *“recuperación de la memoria de su pasado a través de la palabra escrita, que se inició desde el mismo siglo de la conquista española.”*⁶

Como pontuado por Joël Candau, ao mesmo tempo em que a memória nos modela, nós também a modelamos. Não há como pensar em uma trajetória de vida, em uma narrativa, ou um mito sem que identidade e memória se retroalimentem, sem que haja o apoio entre elas.⁷ Memória e identidade, seja em conflitos religiosos ou étnicos, são elementos usados para reivindicar e legitimar a posse de territórios, gerando assim um sentido para as histórias, mostrando como os grupos étnicos se relacionam e se constituem.

A segunda metade do século XVI inaugurou o que o historiador mexicano Enrique Florescano denomina como *“reconstrucción y transformación de la memoria indígena”*, devido ao encontro de concepções de tempo, de passados, de religiões e de escritas distintos. Os processos de contato e conquista não teriam conseguido impedir que as comunidades indígenas produzissem registros sobre o seu passado, na tentativa de mantê-lo vivo e transmiti-lo para as gerações seguintes. Os indígenas ressignificaram seu passado e encontraram uma nova forma de transmitir as histórias de sua comunidade. Essas narrativas nos contemplam com conteúdos históricos das

⁵ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los libros quemados y los nuevos libros: paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 61.

⁶ GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012, p. 21.

⁷ CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2012, p. 16.

comunidades indígenas que as produziram, incluindo referências desde o início da migração das linhagens até a fundação das comunidades, mesclando as tradições indígenas com a cultura do colonizador.⁸

Muitos desses documentos,

“mencionan conflictos de tierra con pueblos limítrofes que tuvieron lugar en tiempos prehispánicos, y de los que el pueblo salió victorioso porque supo hacer valer sus derechos mediante argumentaciones fundadas en los procedimientos legales introducidos por los españoles, o mediante mitos que corresponden a la tradición prehispánica. Es decir, otra vez, en la defensa de la tierra, se mezclan procedimientos antiguos y contemporáneos sin hacer caso de la extrapolación temporal porque todo sirve al mismo fin: preservar la tradición de la tierra.”

No livro *El legado escrito de los mayas*, Mercedes de la Garza faz uma relação dos livros produzidos ao longo do período colonial, tanto os escritos em espanhol quanto os produzidos na língua maia⁹. Embora a historiadora trate de forma resumida o conteúdo de cada documento, conseguimos através desta compilação ter uma noção dos tipos de narrativas que foram produzidas pelas linhagens locais, como, por exemplo, as literaturas míticas, a literatura ritual, e a que mais nos interessa para essa pesquisa, as literaturas históricas, que possuem como tema central o registro do passado, seja ele para defender sua identidade como para confirmar a linhagem no poder.

A seleção dos dois documentos a serem analisados nesta pesquisa está relacionada ao seu caráter histórico (um dos tipos elencados por Mercedes de la Garza apontados acima), por fazerem referência às histórias de fundação de seus *altepeme*. A escolha também se deu pelo fato de *k'iche* e *kaqchikel* serem grupos vizinhos e também rivais. Desta forma, a partir das reflexões de Federico Navarrete a respeito das relações interétnicas citadas acima, buscamos tentar compreender a importância da relação entre ambos os grupos para a construção de suas identidades e de suas trajetórias.

Consideramos ressaltar que o acesso aos documentos se deu através de edições publicadas por estudiosos nas últimas décadas, uma vez que o acesso aos originais não

⁸ FLORESCANO, Henrique. *La conquista y la transformación de la memoria indígena*. In: *Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas* (org.). Edited by Bonilla, Heraclio. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992, p. 67-85.

⁹ GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012.

seria possível no momento, pois se encontram em bibliotecas fora do país e não estão digitalizadas para acesso eletrônico.

Dito isto, buscaremos analisar, a partir da organização dos documentos e dos elementos presentes nas histórias, de que forma os grupos étnicos *k'iche* e *kaqchikel* representavam a si e ao “outro” em suas narrativas produzidas durante o período colonial. Como objetivos mais específicos, tentaremos: 1) identificar que elementos, presentes nos textos analisados foram utilizados para conferir legitimidade às narrativas históricas e à linhagem no poder frente à sua própria comunidade e comunidades vizinhas, assim como perante o governo espanhol; 2) compreender a relevância que o grupo étnico vizinho tem para a construção da história e identidade da comunidade; 3) demonstrar, levando em conta o contexto de produção dos documentos, a importância da reescrita de suas antigas histórias.

Tendo isso em mente, nossa dissertação contará com três capítulos. O primeiro tem como foco abordar o contexto de conquista e evangelização na América hispânica, sobretudo no território da atual Guatemala, região na qual habitavam os grupos étnicos estudados nesta pesquisa. Abordaremos também o impacto da colonização entre os grupos indígenas da área maya. Faremos um panorama do período aqui estudado (século XVI) trazendo também algumas reflexões sobre como se dava a produção da escrita indígena antes do processo de conquista e colonização, a fim de introduzir o leitor na forma de escrita dos grupos mesoamericanos para analisarmos as transformações ocorridas neste período de transição.

No segundo capítulo, abordaremos a produção dos livros maias durante o período colonial, com destaque para dois deles: o *Memorial de Sololá* e *El Título de Totonicapan*, ambos produzidos por grupo étnicos distintos. Consideramos importante realizarmos alguns comentários sobre as traduções desses documentos, como se dá a organização interna desses documentos, sua estrutura e os temas abordados.

O terceiro e último capítulo será dedicado à análise dos discursos produzidos nesses documentos em relação a si e aos outros, levando em consideração o período no qual foram escritos para que possamos compreender a importância que essas duas narrativas alcançaram durante o período colonial para os dois grupos étnicos. Buscaremos ainda neste capítulo refletirmos sobre os possíveis aspectos que poderiam ter motivado ambos os grupos a reescrever suas histórias à luz de um novo contexto,

uma vez que as conquistas territoriais presentes nas narrativas aparecem quase como um assunto central nas histórias.

Pensando na contribuição desta pesquisa para a historiografia, sobretudo para os estudos maias, consideramos importante ressaltar que tanto a temática proposta quanto as fontes selecionadas foram pouco exploradas até hoje, apesar de existir uma vasta produção acadêmica a respeito dos grupos e dos documentos da região Central do México. Acredito que esta pesquisa também seja relevante para o estudo da área no Brasil, pois possuímos poucas produções historiográficas no país que tratam deste tema. Esperamos contribuir para novos e antigos debates acerca da colonização, evangelização e estudos das comunidades indígenas na América.

Ao lermos os textos sobre o período de conquista e evangelização na Mesoamérica, nos deparamos com autores que tratam do “encontro” pensando na relação entre o *eu* (o europeu) e o *outro* (o indígena) e nas transformações ocorridas pelo contato. Pensando nisso, justificamos o estudo desta pesquisa pensando nas relações interétnicas dos grupos, uma visão distinta de relação de contato, pois iremos abordar a visão que os próprios indígenas têm de si e do *outro* (seu grupo rival) em seus escritos produzidos durante o período colonial.

Capítulo I – A REGIÃO MAIA: ANTECEDENTES E A CONQUISTA ESPANHOLA

1.1: Mesoamérica

1.1.1 A Mesoamérica: delimitação

A grande área na qual se desenvolveram as tradições dos diversos povos que foram tradicionalmente chamados de “maias” foi denominada Mesoamérica¹⁰ (ver mapa 1) pelo antropólogo alemão Paul Kirchhoff em trabalho publicado originalmente em 1943. Esta região é dividida em diferentes partes: Ocidente, Norte, Centro do México, Oaxaca, Golfo e Sudeste¹¹. Nessas áreas houve o desenvolvimento de diversos grupos indígenas. Segundo Gláucia Cristiani Montoro, “apesar das características comuns entre os grupos, havia uma grande diversidade étnica e cultural entre os povos mesoamericanos, uma pluralidade de organizações políticas e sociais e mais de uma centena de línguas.”¹²

De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, embora houvesse características próprias de um grupo para o outro, o estudo de Kirchhoff revelou que os habitantes da região do México e da América Central compartilhavam características culturais em comum:

(...) a utilização de um bastão de madeira com a ponta afiada e endurecida no fogo para se plantar (*coa*); o cultivo do milho como base de alimentação; a produção de papel e de *pulque* (bebida alcoólica fermentada) com o agave (*maguey*, planta da mesma família que o sisal); a utilização de práticas de autoflagelação e de sacrifícios humanos com finalidades religiosas; o cultivo do cacau; a construção de pirâmides onadas; a prática do

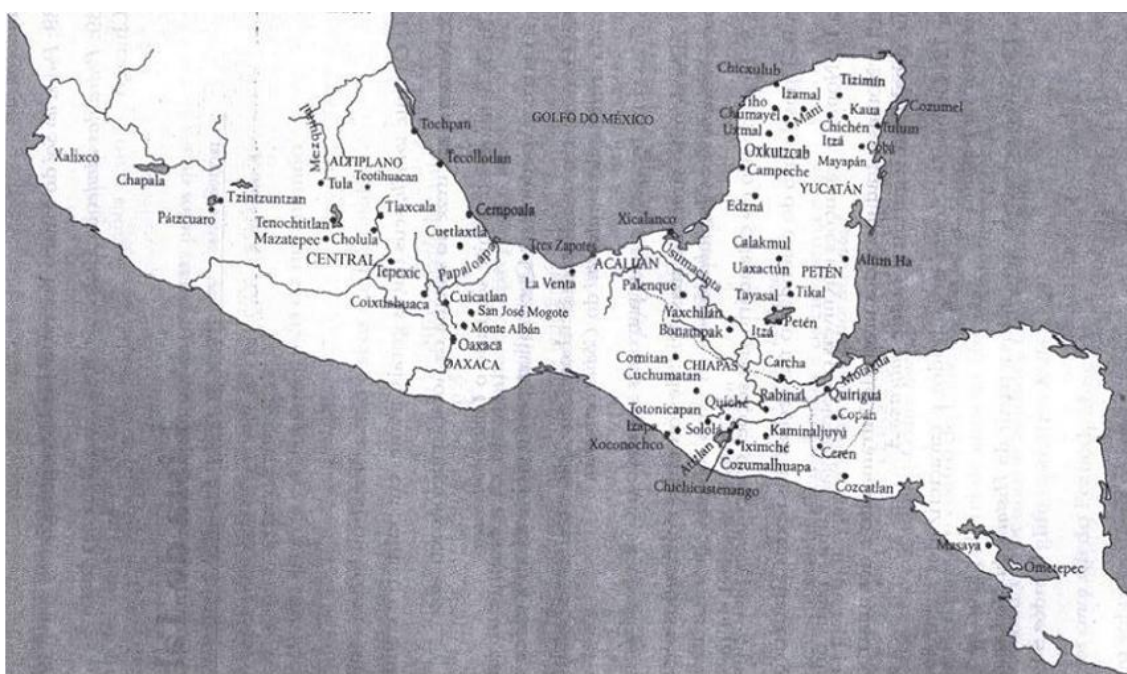
¹⁰ A região mesoamericana compreende áreas do México, Guatemala, Belize, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Costa Rica. O termo Mesoamérica foi utilizado por Paul Kirchhoff para designar as áreas ocupadas por grupos que compartilham determinadas características culturais, estabelecidas por Kirchhoff e, posteriormente, ampliadas por outros pesquisadores que se dedicaram ao estudo das antigas culturas do México e América Central. Para saber mais a respeito, ver: KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica: sus límites geográficos, composición étnica y caracteres culturales. In *Suplemento da Revista Tlatoani*, nº 3, México, 1960.

¹¹ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo e LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 79.

¹² MONTORO, Gláucia Cristiani. *Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001, p.8.

jogo de pelota e a produção de armas de madeira com bordas de lâminas de pedra, principalmente obsidiana e sílex.¹³

O estudo de Kirchoff e as características levantadas pelo mesmo foram sendo somadas a novos dados levantados por outros pesquisadores, atrelados ao “campo do pensamento e visão de mundo”.¹⁴ As novas características que marcam as semelhanças entre os grupos mesoamericanos, por exemplo, são: um calendário com dois ciclos; a concepção de que o mundo havia passado por diversas idades e seu fim seria marcado por eventos cataclísmicos; o registro¹⁵ de dados sobre suas comunidades.



Mapa I: Mesoamérica¹⁶

¹³SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 40-41.

¹⁴Ibid., p. 41.

¹⁵ Durante o período pré-hispânico, os registros dos povos mesoamericanos eram elaborados em diversos suportes, como papel de amate, casca de árvore da família das moráceas, pele de veado; pedras; paredes; cerâmicas; dentre outros. MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis*. Estudo codicológico. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2008, p. 2.

¹⁶SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 22.

As áreas do mapa acima são conhecidas por sua diversidade ecológica e geográfica. Segundo o pesquisador mexicano Miguel León-Portilla¹⁷, esses territórios são cercados por montanhas e atividades vulcânicas, possuem diversidade de clima, vegetação e animais de espécies distintas, bastante presente nas bacias fluviais. As sub-regiões tropicais encontram-se nas planícies de Veracruz e Tabasco e as sub-regiões de montanhas são caracterizadas pelo clima e pela vegetação temperados. Já a região ao norte da Mesoamérica possui uma distinção em termos ecológicos e é semelhante ao deserto norte-americano.

Tendo em vista a variedade cultural na Mesoamérica, com características em comuns e particulares de cada grupo étnico que se desenvolveu nesta região, as pesquisas realizadas a respeito dos grupos que ali se fixaram vêm nos proporcionando o conhecimento da cultura dos povos mesoamericanos – mexicas, toltecas, maias, dentre outros. Esculturas, pinturas, arquitetura e documentos escritos, sejam eles códices ou livros em formato europeu, apresentam reflexões a respeito da história dessas sociedades. Deste modo, o presente capítulo tem por objetivo apresentar ao leitor o território no qual se desenvolveu as comunidades étnicas maias aqui estudadas: a região sudeste da Mesoamérica. Abordaremos também, brevemente, a questão das línguas maias e as cronologias utilizadas para essa região.

Vale pontuar, que nosso intuito com este capítulo não será criar uma análise profunda sobre a cronologia da área maia e as características de cada período que será pontuado no mesmo. Os estudos sobre a cultura em tela parte do modelo tradicional de J. Eric S. Thompson, um importante estudioso sobre o tema, porém, devido aos avanços tecnológicos na arqueologia e os estudos sobre os vestígios deixados pelas culturas mesoamericanas, este modelo foi sendo reformulado por pesquisadores, e por esta razão não adotaremos um modelo específico para construir este capítulo. Nosso objetivo foi trazer para o leitor um panorama sobre a periodização da área aqui estudada e algumas das suas características.

1.1.2 A zona geográfica maia

¹⁷ LEÓN-PORTILLA, Miguel. A Mesoamérica Antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina Colonial*. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 31.

A região na qual se desenvolveram as comunidades maias está localizada na área sudeste da Mesoamérica. Ainda que nunca tenham se tornado um império ou estabelecido formas mais centralizadas de governo, os maias expandiram-se durante o período Clássico pelos territórios que conhecemos hoje como a Península de Yucatã, os estados mexicanos de Tabasco e Chiapas, além de Guatemala, Belize e partes de El Salvador e de Honduras. Sua presença foi profundamente associada à fundação e desenvolvimento de centros urbanos, como Tikal, Palenque e Copán.¹⁸ Dos territórios citados, possuímos especial interesse pelas regiões da Guatemala, particularmente as Terras Altas¹⁹, e Yucatã, pois as fontes que serão abordadas nesta pesquisa foram elaboradas por comunidades que se estabeleceram nestes territórios.

No aspecto geográfico, a área maia é tradicionalmente dividida por muitos pesquisadores em Terras Altas e Terras Baixas (esta última dividida em Terras Baixas do Norte e Terras Baixas do Sul). As Terras Altas são localizadas nas áreas montanhosas da Guatemala; as Terras Baixas do Sul, nas florestas tropicais da Guatemala e Chiapas; e as Terras Baixas do norte, na Península de Yucatã. A partir das escavações arqueológicas e dos documentos históricos, é possível ter acesso à história cultural dos nativos e às características das regiões, pois obras arquitetônicas, esculturas, cerâmicas, entre outros, proporcionam informações sobre o período pré-hispânico. Além disso, documentos de caráter histórico sobreviveram ou foram elaborados ou reescritos ao longo do período colonial por autores nativos ou “mestiços”, conservando a história dessas comunidades.

As Terras Altas da Guatemala são formadas por cadeias montanhosas de origem vulcânica. De acordo com os arqueólogos Ponce de León e Ciudad Ruiz, “*la altura es un determinante climático fundamental en la región*”.²⁰ As duas grandes cadeias montanhosas que compreendem as Terras Altas são a metamórfica, ao norte, e a neovulcânica, ao sul²¹, cujas regiões possuem clima quente e úmido. A primeira se encontra de oeste a leste da Guatemala, possuindo recursos minerais que eram utilizados pelos povos pré-colombianos, como, por exemplo, a jadeíta, a serpentina e a nefrita; e a segunda cadeia, ao sul, também se estende de oeste a leste, com a presença de vulcões e

¹⁸ *Ibid*, p. 31.

¹⁹ As “Terras Altas” da Guatemala se referem à região montanhosa e de grande altitude desse país.

²⁰ PONCE DE LEÓN, Josefa Iglesias; CIUDAD RUIZ, Andrés. *Las tierras altas de la zona maya en el Posclásico*. In: LUJÁN, Leonardo López; MANZANILLA, Linda. *Historia Antigua de México, volume III: El horizonte Posclásico*. México: INAH, 2001, p. 93

²¹ *Ibid*, p.94.

rios que atravessam a região.²² Esse extenso território também apresenta os lagos de Amatitlán e Atitlán, respectivamente localizados próximos à atual cidade da Guatemala e do Departamento de Sololá. Alexandre Guida Navarro explica que “esta zona meridional, apesar da fertilidade, dos recursos naturais e do papel determinante que desempenhou durante as fases formativas da civilização maia, apresentou um número de centros de povoamento bem inferior ao das Terras Baixas”.²³

Como apontamos acima, as Terras Baixas dividem-se em Terras Baixas do Norte e do Sul. A primeira engloba a Península de Yucatã, possuindo uma extensa formação calcária e ausência de cursos d’água superficiais. A segunda é coberta pela floresta tropical úmida, que vai da planície costeira de Tabasco, no México, até a região de Belize e Honduras, incluindo o norte da Guatemala.²⁴ Essa vasta região abrigava grupos que falavam diversas línguas derivadas do tronco linguístico maia. No entanto, vale ressaltar que não era uma particularidade da Guatemala, pois existiam diversas línguas na região da Mesoamérica. De acordo com López Austin e López Luján²⁵, havia dezesseis famílias lingüísticas nesta grande área, sendo que havia famílias com uma ou mais línguas.

De acordo com J. Eric S. Thompson²⁶, as populações conhecidas como “maias” possuíam quinze dialetos, alguns com subdivisões que acabam se mesclando uns com os outros. De acordo com este autor, poderíamos falar de dois idiomas maias principais: o das Terras Baixas e o das Terras Altas; os outros podem ser considerados dialetos. O autor ainda ressalta que não havia relação dos idiomas maias com as outras línguas da Mesoamérica. Conforme os exemplos citados por López Austin e López Luján, os maias possuíam vinte e quatro dialetos; são eles: “*huasteco, cotoque, maya yucateco, lacandón, mopán, chol, chontal, tzeltal, tojolabal, mam, chuj, kanjobal, kekchí, pokonchí, ixil, quiché, cakchiquel, pokomam, rabinal, tzutuhil, aguacateca, chortí, etcétera.*”²⁷

²² PONCE DE LEÓN; CIUDAD RUIZ, *loc. cit.*

²³ NAVARRO, Alexandre Guida. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. In: *História*. São Paulo, nº 27, vol. I, p. 347-377, 2008, p. 348.

²⁴ NAVARRO, Alexandre Guida. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. In: *História*. São Paulo, nº 27, vol. I, p. 347-377, 2008, p. 348.

²⁵ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo e LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 63.

²⁶ THOMPSON, J. Eric S. *Grandeza y decadencia de los mayas*. México: FCE, 1964, p. 43.

²⁷ Destacamos as línguas *quiché* e *cakchiquel* por serem os idiomas dos grupos étnicos estudados neste trabalho. LÓPEZ AUSTIN; LÓPEZ LUJÁN, *op. cit.*, 2001, p. 63-64. (Grifo nosso).

Os dialetos destacados acima têm especial interesse para este capítulo, pois as fontes selecionadas para a presente pesquisa foram escritas nestas línguas, e durante o período colonial foram transcritas com base no idioma castelhano pelos frades que chegaram à Guatemala e à Península de Yucatã. Outro ponto relacionado às populações da grande região maia que consideramos importante destacar é a tentativa de divisão dos períodos cronológicos de seu desenvolvimento. Desta forma, os parágrafos seguintes abordarão a cronologia da área maia e algumas particularidades de suas divisões propostas por estudiosos.

1.1.3 A cronologia das sociedades maias

As divisões convencionais da cronologia relativa às sociedades da Mesoamérica consistem em: Pré-Clássico, Clássico e Pós-Clássico. Todavia, suas subdivisões, denominação e seu espaço de tempo modificam-se de uma área para outra, bem como conforme cada pesquisador.²⁸ Na área maia, o período cronológico altera-se de autor para autor, o que acaba ocasionando cronologias distintas da região.

De acordo com Enrique Florescano, a história maia é conhecida graças à escrita hieroglífica, presente em esculturas, construções e pinturas. Dentre os materiais que nos fornecem dados, os sítios arqueológicos passam a integrar este conjunto de informações, pois a arqueologia vem contribuindo para o conhecimento e enriquecimento da história cultural maia.²⁹ Em seu livro *Los Orígenes del poder em Mesoamérica*, Florescano adota a cronologia estimada por Sharer e Traxler³⁰, por meio da qual os autores dividem o Pré-Clássico em quatro subdivisões: “Temprano, Médio, Tardio e Terminal”. Posteriormente, temos o Clássico Temprano, Tardío e Terminal e, por fim, o Pós-Clássico.

O Período Pré-Clássico desenvolve-se de 2000 a.C a 250 d.C e suas características consistem no nascimento das primeiras sociedades e em seu crescimento; e surgimento dos primeiros estados, o seu declínio e sua transformação. Já o Período Clássico vai de 250 d.C a 900/1100 d.C e é caracterizado pela expansão dos estados das

²⁸ LÓPEZ AUSTIN, Alfredo e LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 68-69.

²⁹ FLORESCANO, Enrique. *Los Orígenes del poder em Mesoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 193.

³⁰ SHARER; TRAXLER, 2006 apud FLORESCANO, 2009, p. 194.

Terras Baixas e seu apogeu; e decadência e transformação dos estados. Por fim, temos o Período Pós-Clássico que vai de 900/1100 d.C a 1500 d.C, de modo que sua particularidade se dá pela reorganização e renascimento dos estados.³¹

Para os autores López Austin e López Luján, o Período Pré-Clássico vai de 1800 a.C a 250 d.C. Durante este período:

*(...) los principales focos culturales se dieron en cuatro ambientes totalmente distintos: las planicies costeras meridionales de Chiapas y Guatemala, las tierras altas guatemaltecas, la región selvática del Petén y las extensas llanuras calcáreas de la Península de Yucatán (...).*³²

Este período caracteriza-se também pela dedicação dos povos à agricultura, pesca e caça e, na região da Guatemala, Belize e Yucatã, ao cultivo do milho pelos habitantes. No Pré-Clássico, deparamo-nos com o surgimento da cerâmica, como ocorreu nas Terras Baixas, como a de um grupo não maia que produzia a cerâmica Xe, elaborada nas proximidades de Seibal e Altar de Sacrificios. No entanto, supõe-se que a cerâmica produzida por esse grupo não maia possui semelhança com as das produzidas nas Terras Altas de Chiapas e Guatemala. Anos mais tarde, em 600 a.C, teve-se a produção de outros tipos de cerâmicas em Uaxactún e Tikal, e a partir daí os maias foram se expandindo por outras regiões. No último período do Pré-Clássico, 250 d.C, ocorre um clima de violência e concorrência entre os principais centros de poder, além de grandes obras arquitetônicas.³³

O Período Clássico desenvolve-se de 292 d.C a 909 d.C e suas características são marcadas: pela influência de Teotihuacan; pelo impulso cultural maia; aumento demográfico; crescimento econômico, político e cultural; e o colapso, que marcou a decadência de alguns centros. Vale ressaltar que esta decadência não se deu como um todo na área maia, pois alguns centros perderam poder para outros, e o principal marco foi o aumento da população, gerando um problema de subsistência, a qual, de acordo

³¹ FLORESCANO, Enrique. *Los Orígenes del poder en Mesoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2009, p. 194.

³² LÓPEZ AUSTIN, Alfredo e LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 95.

³³ *Ibid.*, 2001, p. 95-97.

com os autores López Austin e López Luján, foi o problema mais grave enfrentado pelos maias.³⁴

Já o Período Pós-Clássico tem seu início em 1000 d.C e vai até a chegada dos espanhóis no século XVI, no ano de 1524 d.C. As características deste período são definidas: pelo desuso³⁵ da conta longa maia e pelo uso de um calendário simplificado, *Katunes*, pois já não era mais preciso fazer uso de um sistema calendário tão complexo e este foi sendo substituído por um outro tipo de sistema calendário, o de 256 dias, o que nas fontes produzidas durante o período colonial gerou certas imprecisões no que diz respeito às datas e aos acontecimentos. Este período também se define com a chegada dos invasores toltecas³⁶; decadência do centro hegemônico de Chichén Itzá, e ascensão da cidade de Mayapán por volta dos séculos XIV/XV; e, por fim, temos o período de decadência cultural, com a destruição de Mayapán, que caracteriza-se pela definitiva fragmentação política que gerou grandes conflitos entre os reinos.³⁷

Outro tipo de demarcação cronológica é o modelo tradicional da História maia. Este é dividido pelos arqueólogos em três períodos: “o Pré-Clássico (800 a.C. a 300 d.C.), Clássico (300 d.C. a 900 d.C.) e Pós-Clássico (900 d.C. a 1520 d.C.)” Nesse modelo tradicional, o Período Pré-Clássico é caracterizado por vilas rurais e ausência de construções expressivas, as quais foram somente realizadas no Clássico. Ao passo que o Clássico é considerado o período de auge da civilização maia, quando grandes e expressivas construções foram concretizadas e o desenvolvimento cultural alcançou altos patamares. Enquanto o Pós-Clássico foi concebido como período de decadência cultural e artística dos grupos maias. Este modelo tradicional foi exposto pelo arqueólogo J. Eric S. Thompson, exercendo influência em outros estudiosos da História maia.³⁸

O aumento do interesse e da busca por informações sobre a civilização maia se deu, particularmente, a partir do final do século XIX, quando J. Eric S. Thompson e outros arqueólogos se dedicaram a buscar vestígios sobre esta civilização. O que vale destacar sobre este estudo é a visão etnocêntrica e “medievalista” projetada ao analisar esta civilização. Pesquisadores como Thompson e outros estudiosos, como Sylvanus A.

³⁴ LÓPEZ AUSTIN; LÓPEZ LUJÁN, *op. cit.*, 2001, p. 151-155.

³⁵ LÓPEZ AUSTIN; LÓPEZ LUJÁN, *op. cit.*, 2001, p. 274.

³⁶ Trata-se de um grupo vindo do México Central.

³⁷ LÓPEZ AUSTIN; LÓPEZ LUJÁN, *op. cit.*, 2001, p. 273-275.

³⁸ NAVARRO, Alexandre Guida. *op. cit.*, p. 349.

Morley, projetaram e realizaram correlações a partir dos seus próprios domínios culturais.³⁹

Uma das correlações que estes estudiosos realizaram foi atrelar o colapso da civilização maia a um levante camponês, bem como que as relações entre as cidades-Estado maias eram pacíficas e sem guerras, mesmo quando murais, construções indígenas e outras fontes pré-hispânicas representando conflitos apontavam para algo distinto. Tal visão, de acordo com Alexandre Guida Navarro, se torna preocupante a partir do momento em que há uma comparação da civilização em questão com outras civilizações, pois os estudiosos deste tempo utilizaram como base sua própria visão de mundo para estudar e entender a sociedade maia.⁴⁰

De acordo com Navarro, o modelo cronológico adotado por Thompson foi alvo de diversas críticas, estimuladas pelos novos avanços tecnológicos alcançados nas últimas décadas, que possibilitaram reformular as propostas de periodização desta civilização.⁴¹ As pesquisas e reavaliações empreendidas pelos estudiosos a respeito de cada um dos períodos da cronologia trouxeram grandes modificações no modo como cada uma dessas etapas passou a ser compreendida, nos elementos que as caracterizam e na sua duração. O modelo tradicional enxergava a população maia do Pré-Clássico como uma sociedade camponesa, no entanto, Navarro discorda e revela que esta população surgiu antes do período estabelecido pelo modelo, levando o Pré-Clássico a recuar quatro séculos em relação ao que havia sido estabelecido anteriormente.

O período Clássico também sofreu alterações em sua cronologia, pois as características associadas a este período – inscrições hieroglíficas, construções arquitetônicas complexas e confecção de cerâmicas – já estavam presentes na fase final do período Pré-Clássico, por volta de 300 a.C. Já o Pós-Clássico, por intermédio dos novos estudos, também ganhou uma outra demarcação cronológica, que vai de 1250 a 1520 d.C. Além disso, vale ressaltar que durante este período a cultura do Pós-Clássico não entrou em decadência como um todo, como é estabelecido pelo modelo tradicional. O que ocorreu foi a perda de poder político-econômico das Terras Baixas do Sul para as Terras Baixas do Norte. Sendo assim, não teria havido um “colapso” da cultura maia,

³⁹ NAVARRO, Alexandre Guida. *op. cit.*, p. 353.

⁴⁰ NAVARRO, Alexandre Guida. *op. cit.*, p. 353-354.

⁴¹ NAVARRO, Alexandre Guida. *op. cit.*, p. 350.

como é estabelecido por Thompson, pois os centros urbanos permaneceram prosperando nas terras baixas do norte até o apogeu de Mayapan, por volta de 1300 d.C. ⁴²

Algumas hipóteses prováveis para este “colapso” maia referem-se a desastres ambientais, alterações climáticas, guerras, entre outras. No entanto, este “colapso” pode ter-se dado - de acordo com novos estudos - pelo aumento da população das terras baixas do sul. Devido a este aumento, não havia espaço suficiente para acomodar a população que havia crescido, o que teria gerado a decadência dos centros das terras do sul. A escassez de alimentos teria estimulado a competição entre os centros urbanos, ocorrendo ataques militares entre cidades. A administração, como solução, teve que aumentar a produção de alimentos e distribuição, mas a grande produção gerou a degradação do solo. Alguns estudiosos concluíram que os maias não souberam escolher soluções para amenizar a crise que estavam enfrentando, e isso acabou gerando perda de poder político-econômico para as terras baixas do norte. ⁴³

A partir do exposto, pode-se perceber que não há uma cronologia consensual dos períodos da área maia, uma vez que estudiosos da região Sudeste estabelecem diferentes cronologias para seus estudos, ocasionando recuo e características distintas de um determinado período da História cultural maia.

Dentre os períodos citados e brevemente expostos a partir dos dados apresentados pelos autores, possuímos especial interesse pelo período Pós-Clássico, pois o fim deste período é marcado pela conquista espanhola e pelo início do processo de evangelização cristã na região do México e na área maia. De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, os espanhóis chegaram às terras baixas em 1511 e, nas terras altas, três anos depois, onde o grupo étnico *k'iche* era uma das principais forças políticas no período, que foi marcado “por um alto índice de conflitos bélicos com os cristãos, especialmente nas imediações do Lago Atitlán, onde viviam os maias-quichés que produziram o *Popol Vuh*, e no norte da península do Iucatã.”⁴⁴ Este conflito nas terras altas tem seu início com a chegada do conquistador Pedro de Alvarado na região sudeste, em 1524, o que analisaremos a seguir.

⁴² NAVARRO, Alexandre Guida. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. In: *História*. São Paulo, nº 27, volume I, p. 372, 2008.

⁴³ Para saber mais ver: NAVARRO, Alexandre Guida. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. In: *História*. São Paulo, nº 27, volume I, p. 347-377, 2008.

⁴⁴ SANTOS, Eduardo Natalino dos. Histórias e cosmologias indígenas no Popol vuh, livro maia-quiché. In: Revista USP. São Paulo, nº 125, p.109-124, abril/maio/junho 2020, p. 110-111.

1.2 Conquista e evangelização nas Terras Altas da Guatemala

De acordo com o historiador indiano Sanjay Subrahmanyam, ao analisar uma trajetória europeia devemos nos desvincular da noção de modernidade e levar em conta as diversas mudanças que estão ocorrendo no globo. Com a expansão marítima, há uma circulação maior de habitantes pelos continentes, e não devemos tratar a expansão europeia como única, pois ocorreram diversas outras expansões, seja por terra ou por mar. Além disso, as viagens expansionistas trouxeram várias mudanças nas concepções de espaço, cartografia e etnografia.

Ao falar do milenarismo, da ideia de um império universal incorporado pela Espanha durante o período Habsburgo, da figura messiânica relacionada ao império universal, dos limites políticos no mundo e da expansão marítima e comercial, Subrahmanyam propõe um estudo que não deve contemplar os assuntos que estavam ocorrendo nos quatro cantos do mundo como algo independente, mas sim através das conexões, transitando entre o micro e o macro sem perder a função um do outro. O autor busca, em sua análise, conectar o globo através de tópicos, afirmando que há uma rede de histórias conectadas e circulação.⁴⁵

A dilatação do espaço ocidental permitiu o contato entre os diversos continentes, bem como o encontro e confronto de diversas culturas. As influências geradas por esta dilatação podem ser notadas ao longo do século XVI, e neste período foi possível notar trocas culturais e uma nova visão de mundo.⁴⁶ Quando o *Eu*, o indígena, e o *Outro*, os espanhóis, são colocados em contato em decorrência da colonização na América hispânica, um interpreta o outro a partir de seus elementos emblemáticos e de sua visão de mundo, ou seja, a partir do seu universo cultural. Havia neste período uma necessidade de negociação, de “tradução”, como diria Cristina Pompa; foi um momento de mudança e reajuste para ambos os lados. A evangelização só seria possível através da linguagem nativa, através da leitura dos códigos que envolviam esta cultura. De acordo com Cristina Pompa:

⁴⁵ SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Connected Histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia*. **Modern Asian Studies**, Cambridge, U.K, v.31, n.3: Special Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800, p. 753-762, jul. 1997, p. 739-762.

⁴⁶ GRUZINSKI, Serge. *Os Mundos Misturados da Monarquia Católica e outras Connected Histories*. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195, p. 180-186.

O esforço missionário, porém, concentrou-se exatamente nesta “tradução” para os códigos culturais nativos de conceitos europeus, da mesma forma como eles próprios, como vimos, traduziram a si próprios nos mesmos códigos (lembre-se da sobreposição entre xamã e jesuítas, por exemplo). Por outro lado, esta “tradução” foi re-traduzida, ou seja, decodificada pelos destinatários indígenas da mensagem cristã: o resultado foi a produção de uma religião “híbrida”, no interior de uma cultura de contato.⁴⁷

A evangelização nos espaços coloniais e a conversão das sociedades ao cristianismo foi um dos elementos que justificaram e motivaram o processo expansionista durante a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, o que pode ser observado ao analisarmos alguns dos principais debates teológicos da época. Fazer com que as populações descobertas aceitassem os conteúdos das Sagradas Escrituras e levar a palavra de Deus para essas sociedades vistas como atrasadas e inferiores aos olhos do europeu, e até mesmo como sem almas, sobretudo por conta de sua religião – ou a “falta” dela – e seus costumes, foi um dos esforços dos missionários durante o contato com o Novo Mundo.⁴⁸

A história universal cristã foi avançando pelos continentes, e os missionários desempenharam um papel importante nesta nova era em que a humanidade vivia.⁴⁹ A ideia de uma história universal associada ao esforço de conversão das populações indígenas pela aproximação do fim dos tempos, bem como um discurso milenarista durante os primeiros anos de colonização, fizeram com que muitos grupos nativos fossem convertidos em massa. A partir do debate sobre o Juízo Final⁵⁰, intenso ao longo

⁴⁷ POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 80.

⁴⁸ MARCOCCI, Giuseppe. *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (séculos XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 429-440.

⁴⁹ COSTA, João Paulo de Oliveira. Diáspora missionária. In: AZEVEDO, C. (ord.) *História religiosa de Portugal*, v.2, p. 259.

⁵⁰ FARIA, Patrícia Souza de. *A conquista das almas do Oriente: franciscanos, catolicismo e poder colonial português em Goa (1540- 1740)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 164-170.

do século XVI, o fim do mundo não poderia se consolidar se a palavra de Deus ainda não atingira todos os povos.⁵¹

Os impactos deste encontro entre mundos bem como dos esforços de conversão por parte dos missionários cristãos são visíveis quando abordamos o território da atual Guatemala nas primeiras décadas do século XVI. Com a chegada do conquistador Pedro de Alvarado à região, em 1524, as sociedades maias enfrentaram um período de transformações e perda de poder político. Após anos de conflitos, que resultaram na queda de México-Tenochtitlan bem como de outras cidades da região do México Central, Alvarado se deslocou em direção ao sul, com o objetivo de conquistar as Terras Altas e Baixas da Guatemala. Ao chegar à área maia, Alvarado encontrou um território dividido e controlado pelos grupos étnicos *k'iche's* e *kaqchikeles*, contando com o apoio deste para o início da atuação espanhola no local.

Nascido na Espanha em 1485, Pedro de Alvarado participou de momentos importantes relacionados às expedições em busca de ouro e prata no Novo Mundo. Chamado pelos indígenas como *Tonatiuh (hijo del sol)*, em referência à coloração de seu cabelo, Alvarado ordenou a morte de diversos indígenas durante a festa de *Huitzilopochtli* em México-Tenochtitlan, evento que gerou uma inflexão na relação dos mexicas com as forças lideradas por Hernán Cortés, resultando em um ataque e consequente expulsão dos invasores da cidade no que ficou conhecido entre os espanhóis como a *Noche Triste*. Seu governo na Guatemala (1527 a 1541) foi marcado por muitas mortes e conquistas, desde o início de sua presença na região, para onde partiu sob as ordens de Hernán Cortés. A cada triunfo militar, Alvarado ampliava o número de indígenas escravizados e, desta forma, seu exército ia crescendo. Enquanto permaneceu na região, o conquistador enfrentou diversos grupos indígenas como os *ixiles*, *mames*, e os próprios *kaqchikeles*, dentre outros. *Tonatiuh* foi caracterizado tanto positivamente quanto negativamente por cronistas, governadores ou indígenas da época,

“Hernán Cortés lo caracterizó como persona agraciada e inteligente en asuntos de guerra; Bernal Díaz del Castillo, como buen jinete y de vestido pulcro; Francisco Marroquín como el mayor servidor que el Emperador tuvo

⁵¹ POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 45-47.

*en las Indias; Francisco de Montejo (el Viejo) como el 12 hombre más crudo que había conocido para con los indios y que nadie los había tratado tan mal; Bartolomé de las Casas, como desventurado tirano; Francisco Antonio de Fuentes y Guzmán, como excelente juez superior; los tlaxcaltecas, como capitán de yugo y carga pesada; los cakchiqueles, como hombre sin compasión; y Hubert Howe Bancroft, como mentiroso, traicionero y deshonesto, y que pagó con engaños e ingratitudes los favores que recibió.*⁵²

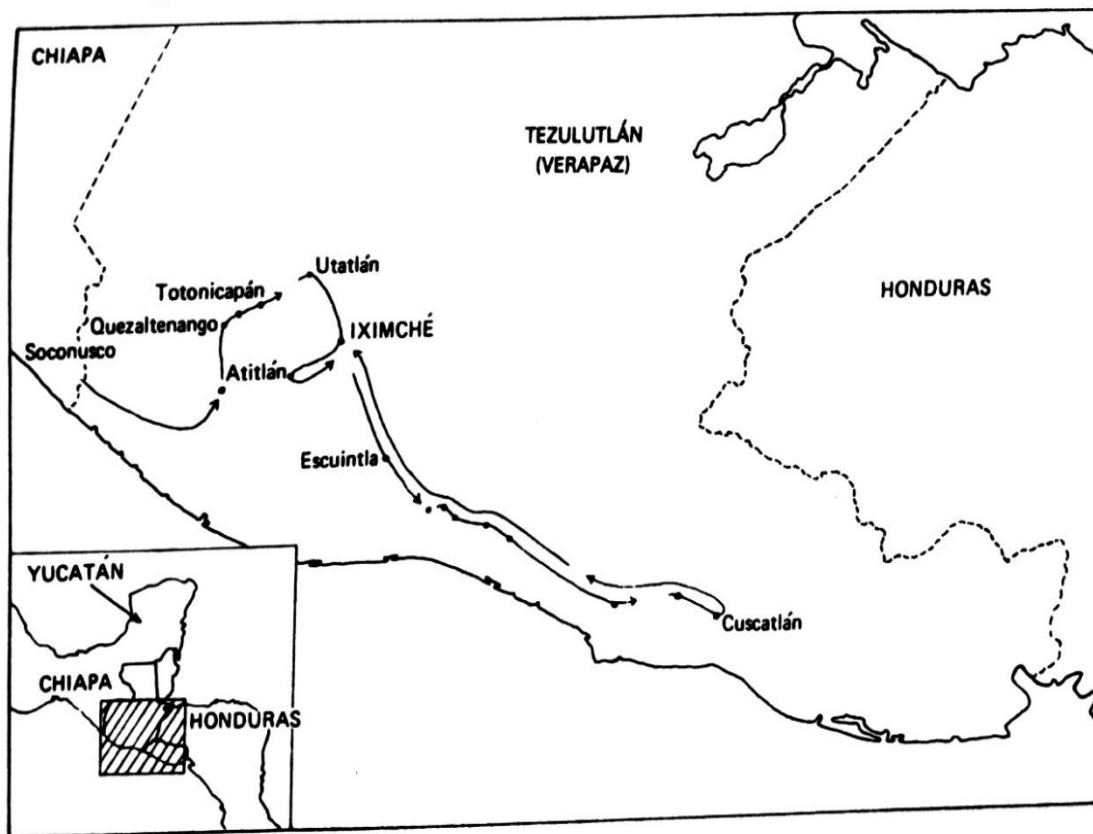
Antes da conquista espanhola e da chegada da expedição liderada por Pedro de Alvarado, a Guatemala contava com diversos grupos indígenas hostis entre si, que se enfrentavam a fim de ampliar seus domínios sobre os demais territórios. Quando a notícia da chegada dos espanhóis à região central do México chegou à Guatemala, por volta de 1519-1520, os grupos tiveram tempo para se preparar e criar uma resistência contra os espanhóis.⁵³

Quando chegou à Guatemala, Alvarado se deparou com uma região de enorme população, grande diversidade linguística e organizada a partir de diversos poderes locais. Como já mencionamos, os espanhóis contaram com o apoio dos *kaqchikeles* durante o início da conquista espanhola, e por questões estratégicas de dominação e ataque, se instalaram na capital Iximché do grupo aliado. A partir desta aliança inicial, Alvarado foi avançando e buscando alianças com outros grupos étnicos ao redor. No entanto, a grande diversidade de líderes nas Terras Altas dificultou esta aproximação, uma vez que cada comunidade era liderada por seus respectivos governantes.⁵⁴

⁵² CARCACHE, Horacio Cabezas. *Gobernantes de Guatemala: siglo XVI*. Guatemala: s.e., 2016, p. 7-12.

⁵³ BRICKER, Victoria Reifler. *El Cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

⁵⁴ VAN OSS, Adriaan C. *Catholic Colonialism: A Parish History of Guatemala, 1524-1821*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 10-12.



Mapa II: Rota feita por Pedro de Alvarado ao chegar à Guatemala em 1524.⁵⁵

Com o estabelecimento do *Ayuntamiento de Santiago* por Alvarado, em 1524, se iniciou um período de conquista e dominação das populações indígenas na Guatemala. A violência por parte dos conquistadores despertou ainda mais a resistência indígena nas Terras Altas e Baixas, o que veio a ser o momento mais complicado para a primeira etapa de colonização, pois a Coroa viu a necessidade de tomar medidas para deter o ataque violento dos conquistadores. Participando de forma ativa deste processo de conquista, membros da Igreja Católica denunciaram a exploração que os conquistadores cometiam sobre as populações indígenas. Dentre os missionários que participaram ativamente deste processo de contato com os indígenas, destacamos o dominicano Bartolomé de Las Casas, ativo defensor dos indígenas e que reiteradas vezes denunciou à Coroa a escravidão dos nativos.⁵⁶

⁵⁵ VAN OSS, Adriaan C. *Catholic Colonialism: A Parish History of Guatemala, 1524-1821*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 11.

⁵⁶ PAZ, María del Carmen Muñoz. (Coord); PRADO, Diana Barrios; CONDE, Josefina Contreras. (Auxiliares de Investigación). *Historia Institucional de Guatemala: La Real Audiencia, 1543-1821*.

Quando instalou seu *Ayuntamiento*, Alvarado fundou a primeira igreja e nomeou Juan Godínez para controlar a mesma, junto com o sacristão Reynosa. Esta foi a primeira igreja na Guatemala. Pensando em uma permanência maior na região e nas necessidades que foram surgindo diante do contato, Alvarado necessitava de um sacerdote com preparo adequado que pudesse auxiliar no contato com os indígenas, que resistiam cada vez mais à colonização. Em 1530, o conquistador substituiu o padre Godínez e nomeou o licenciado Francisco Marroquin como primeiro Bispo da Guatemala. Quatro anos depois, em 1534, a igreja da região foi elevada ao status de Catedral.⁵⁷

Francisco Marroquin foi uma peça chave no processo de evangelização e de comunicação com a Coroa. Em cartas trocadas com o imperador Carlos V a respeito da situação de contato com os nativos, Marroquin informou os problemas enfrentados pelos missionários na região, explicando que o uso da força não era a melhor forma de se aproximar das comunidades indígenas. Desta forma, em 1535, Marroquin solicitou o envio de missionários que pertencessem às ordens religiosas e não sacerdotes seculares.⁵⁸

De acordo com Adriaan C. Van Oss⁵⁹, os sacerdotes seculares não foram os mais apropriados para a evangelização na área maia, pois o pagamento estabelecido por Alvarado não satisfazia aos interesses desses clérigos seculares, e muitos acabavam abandonando o cargo, o que gerava certa instabilidade. Juntamente com Godínez, e os clérigos de Honduras e Chiapas, Marroquin solicitou a vinda de membros de ordens religiosas, sobretudo as que atuavam no México. Isso fez com que o processo de conversão na região passasse a ser comandado principalmente por dominicanos e franciscanos.

O problema enfrentado na Guatemala era reconhecido tanto pela Coroa quanto pela Igreja. A dispersão das populações e a resistência eram as principais dificuldades enfrentadas para a evangelização dos grupos nativos locais. A decisão estabelecida por estes religiosos foi a de que o contato inicial com essas populações deveria se dar

Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala: Dirección General de investigación – Centro de Estudios Urbanos y Regionales, 2006, p. 32-33.

⁵⁷ VAN OSS, Adriaan C. *Catholic colonialism: A parish history of Guatemala, 1524-1821*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 12.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 13-14.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 9-37.

através de seus líderes, somente depois deveria-se tentar um contato mais estreito com os demais nativos. A estratégia usada pelos missionários foi presentear e tentar um contato pacífico com os líderes indígenas para que eles aderissem à fé Católica e aceitassem o domínio espanhol. Com esse objetivo em mente, os missionários marcharam por cada comunidade a fim de conhecê-las e fazerem com que o catolicismo fosse conhecido. A partir dos ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras, os indígenas foram compreendendo o universo cristão, cada um à sua maneira. Os documentos produzidos no período demonstram que os nativos passaram a enxergar a fé católica e seus elementos como uma continuidade de suas crenças pré-colombianas, mesclando elementos do passado com os adquiridos no presente.⁶⁰

O processo de conversão seguiu-se, a partir desse período, de forma mais pacífica, sobretudo após a criação das Audiências na Guatemala, em 1543. Com o avanço da tomada de território por parte dos conquistadores e os abusos cometidos, a Coroa viu seus interesses serem ameaçados e passou a tentar ampliar seu controle a partir de instâncias burocráticas instaladas na região. A criação das *Leyes Nuevas*, em 1542 por Carlos V tinha como objetivo recuperar o controle nas regiões da América, e as Audiências tiveram função de governo, um aparato governamental que “*representaba el poder delegado del Rey, era en sí los oídos y manos del Rey en América*”.⁶¹ A Audiência da Guatemala foi a primeira a não depender de nenhuma outra Audiência em território americano, estando ligada exclusivamente ao *Consejo de Indias*.⁶²

As Audiências funcionavam como tribunais locais, nos quais se aplicava a justiça de acordo com as *Leyes Nuevas*. Qualquer súdito que se sentisse lesado por algum ato cometido pelos funcionários da Coroa poderia apresentar suas reclamações perante os funcionários das Audiências, que tinham o dever de fazer justiça.⁶³ Desde sua criação, esta instituição teve plenas funções de administradora do governo e da justiça.

⁶⁰ VAN OSS, Adriaan C. Catholic colonialism: A parish history of Guatemala, 1524-1821. Cambridge, Cambridge University Press, 1986, p. 14-21.

⁶¹ PAZ, María del Carmen Muñoz. (Coord); PRADO, Diana Barrios; CONDE, Josefina Contreras. (Auxiliares de Investigación). Historia Institucional de Guatemala: La Real Audiencia, 1543-1821. Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala: Dirección General de investigación – Centro de Estudios Urbanos y Regionales, 2006, p. 37-38.

⁶² Ibidem, p. 10.

⁶³ MAYORGA, Fernando. *La administración de Justicia en el período colonial. Instituciones e instancias del derecho indiano*. Apud PAZ, María del Carmen Muñoz. (Coord); PRADO, Diana Barrios; CONDE, Josefina Contreras. (Auxiliares de Investigación). Historia Institucional de Guatemala: La Real Audiencia, 1543-1821. Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala: Dirección General de investigación – Centro de Estudios Urbanos y Regionales, 2006, p. 7-8.

As elites indígenas tinham o direito de recorrer à Audiência e a seus funcionários para que seus pleitos fossem atendidos. Como exemplo, podemos citar a *Historia de los Xpantzay de Tecpán Guatemala*, em que um membro da linhagem *kaqchikel* apresentou um de seus escritos perante a Audiência durante um litígio de terras no século XVII. Documentos como esse eram apresentados às autoridades locais traduzidos para o espanhol, pois muitos tinham sido escritos originalmente no idioma nativo. No exemplo analisado, os *kaqchikel's* estavam reivindicando o direito sobre a vila de *Tecpan*, construída pelos espanhóis durante a invasão de Alvarado à Guatemala⁶⁴

Na região do México esse tipo de litígio também ocorria com o intuito de regularização das terras, sobretudo no final do século XVII e início do XVIII. Tanto no México quanto na Guatemala, os conquistadores espanhóis se apropriaram das terras indígenas e tentaram usufruir do melhor que essas propriedades pudessem lhes oferecer. Porém, instituições fiscais foram introduzidas pela Coroa com o intuito de fiscalizar a questão da posse de terra nestas regiões, uma vez que as propriedades estavam se tornando privadas e os indígenas estavam requerendo seus limites territoriais sobre elas.⁶⁵

Os indígenas que não tinham como comprovar por meio de documentos sua posse sobre determinada terra estavam sujeitos a pagar uma espécie de imposto sobre ela. Sergio Eduardo Carrera Quezada analisa em seu artigo *Las composiciones de tierras en los pueblos de indios en dos jurisdicciones coloniales de la Huasteca, 1692-172* como se deu a fiscalização de terras na região da Nova Espanha com a Real Audiência e a regularização em torno dela, porém o que gostaria de destacar a partir das informações que o autor traz, e que julgo importante para a nossa análise, é que os líderes indígenas começaram a produzir “*títulos primordiales*” a fim de justificar através de seu passado seu direito sobre a terra.⁶⁶

Na Guatemala não foi diferente, pois diversos documentos maias foram produzidos a partir da segunda metade do século XVI. Não sabemos ainda se com a

⁶⁴ HISTORIA de los Xpantzay de Tecpán Guatemala. Trad. Matilde Ivic de Monterroso. Guatemala: Publicaciones Mesoamericanas, 2009, p. 87-88.

⁶⁵ QUEZADA, Sergio Eduardo Carrera. *Las composiciones de tierras en los pueblos de indios en dos jurisdicciones coloniales de la Huasteca, 1692-172*. In: Estudios de Historia Novohispana 52, México, p. 29-50, 2015, p. 31-36.

⁶⁶ Para saber mais, ver: QUEZADA, Sergio Eduardo Carrera. *Las composiciones de tierras en los pueblos de indios en dos jurisdicciones coloniales de la Huasteca, 1692-172*. In: Estudios de Historia Novohispana 52, México, p. 29-50, 2015.

mesma finalidade que os produzidos na região de *Huasteca*, porém podemos notar no quadro abaixo⁶⁷ que a Audiência já tinha se instalado na região durante este período de produção. É curioso notar também que assim como a *Historia de los Xpantzay de Tecpán Guatemala* outro documento maia foi apresentado perante a corte espanhola com a mesma finalidade de provar seu direito sobre a terra, o documento *k'iche: Título Nijaib' I.*⁶⁸

CUADRO CRONOLÓGICO DE GOBERNANTES DE GUATEMALA SIGLO XVI

ETAPA	Nº	NOMBRE	CARGO	PERIODO
Conquista	1	Pedro de Alvarado	Teniente de Gobernador	6/12/1523-18/12/1527
			Gobernador	18/12/1527-4/7/1541
	2	Beatriz de la Cueva	Gobernadora	9/9/1541-11/9/1541
	3	Francisco de la Cueva y Francisco Marroquín	Gobernadores	17/9/1541-17/5/1542
Audiencia de los Confines	4	Alonso de Maldonado	Gobernador	17/5/1542-20/11/1542
			Presidente	16/9/1543-26/5/1548
	5	Alonso López de Cerrato	Presidente	26/5/1548-14/1/1555
	6	Antonio Rodríguez de Quesada	Presidente	14/1/1555-20/10/1555
	7	Pedro Ramírez de Quiñones	Regente	1556-2/9/1559
	8	Juan Núñez de Landecho	Presidente y Gobernador	2/9/1559-2/8/1564
	9	Francisco Briceño	Gobernador	2/8/1564-5/1/1570
Audiencia de Guatemala	10	Antonio González y González	Presidente y Gobernador	5/1/1570-26/1/1573
	11	Pedro de Villalobos	Presidente y Gobernador	26/1/1573-4/2/1578
	12	Diego García de Valverde	Presidente y Gobernador	4/2/1578-21/7/1589
	13	Pedro Mallén de Rueda	Presidente y Gobernador	21/7/1589-3/8/1594
	14	Francisco de Sande	Presidente y Gobernador	3/8/1594-20/6/1596
	15	Álvaro Gómez de Abaunza	Regente	20/6/1596-19/9/1598
	16	Alonso Criado de Castilla	Presidente y Gobernador	19/9/1598-19/9/1611

Além da instalação dessas instituições administrativas, como as Audiências, a Coroa governava à distância a partir das informações solicitadas a respeito dos povos que ali viviam e das terras conquistadas. Como pretendemos abordar ao longo da dissertação, a produção de documentos como os citados acima foi importante tanto para

⁶⁷ CARCACHE, Horacio Cabezas. *Gobernantes de Guatemala: siglo XVI*. Guatemala: s.e., 2016, p.6.

⁶⁸ TITULO Nijaib I. Trad. Robert M. Carmack. Guatemala: Publicaciones Mesoamericanas, 2009, p. 97-99.

os missionários quanto para a Coroa, assim como para os indígenas deste período. No próximo capítulo, trataremos da escrita dos textos nativos maias do século XVI bem como os modelos europeus de escrita que possam ter inspirado os nativos em suas narrativas.

CAPÍTULO II: OS TEXTOS MAIAS NO PERÍODO COLONIAL

“Contudo, para além de conhecidas tópicas que residem sobre temas como conquista, colonização, encontro e choque de culturas, acreditamos que esse Novo Mundo, político e culturalmente incorporado ao Velho, mesmo que pela força – e por meio de uma incorporação passível de ser questionada -, diante da deflagração do processo de colonização, abre um espaço, ou quem sabe uma encadernação, cheia de páginas em branco, para a produção de uma nova forma de escrita da história (...).”⁶⁹

2.1. Os escritos no contexto do século XVI

Neste capítulo, abordaremos dois textos produzidos pelos grupos étnicos maias: o *Memorial de Sololá* e *El Título de Totonicapan*. Porém, antes de abordarmos estes documentos, vamos tratar de alguns exemplos de escritos coloniais durante o contexto de nosso estudo para compreendermos melhor a escrita deste período e a conjuntura na qual foram produzidos. Vale ainda salientar algumas informações de como se dava o processo de escrita antes da conquista espanhola para compreendermos as mudanças ocorridas na forma de registrar os eventos.

As formas de registro escrito produzidas durante o período que antecede a colonização seguiam lógicas muito distintas das introduzidas a partir do aprendizado do alfabeto latino pelas diversas comunidades que habitaram os espaços coloniais, sobretudo na América. Os registros maias pré-colombianos, por exemplo, baseavam-se em relatos orais repassados de geração em geração a fim de manter a história e o costume de suas comunidades.

Durante o século XX, Claude Lévi-Strauss publicou a obra *Mythologiques* (1964-1971) onde se dedicou a analisar documentos orais da parte norte e sul da América. De acordo com Gordon Brotherston, o antropólogo francês levou ao extremo

⁶⁹ SOUZA, Thiago Bastos de. *A “Escrita Franciscana” dos Novos Mundos: crônicas e historiografia no século XVI* (Nova Granada). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 18-19.

sua preferência pela linguagem verbal sobre a visual, e discorreu sobre o conceito de sociedades primitivas e sem escrita que habitaram o chamado Quarto Mundo, onde a escrita era baseada nos *quipus* e *amoxtli*.⁷⁰ Após a publicação da obra, outros estudiosos, como Fritz Kramer e Jacques Derrida, foram refutando seu modelo de escrita fonética:

*“la “escritura” está de hecho presente en todas partes: en los gestos y el discurso mismo, en las huellas y los senderos del paisaje; oralidad y escritura no constituyen, pues, un binomio mutuamente excluyente, y mucho menos se abren desde el punto de vista moral”.*⁷¹

Fritz Kramer ainda salienta que um dos maiores erros da etnologia era dizer que os povos tribais eram culturas sem escrita, devido ao uso de códigos linguísticos visuais que determinavam sua forma de escrita.

De acordo com Gláucia Cristiani Montoro, os registros mesoamericanos, sobretudo os registros nahuas, objeto de seus estudos, são baseados em dois sistemas que se combinam: os *glotográficos* e os *semasiográficos*. O primeiro é baseado em uma língua, e o segundo baseado em um sistema de signos sem perpassar por um código linguístico. A pesquisadora ainda salienta que o tipo de escrita baseado em uma língua poderia acabar atrapalhando a comunicação e a validação de informações políticas, históricas e tributárias numa sociedade com diversas variedades de línguas e troncos linguísticos, pois a escrita estava relacionada à legitimação do soberano frente à sua comunidade e aos demais grupos étnicos, então as informações se davam em torno de um sistema de iconografia que se fazia compreensível por diversos grupos étnicos mesoamericanos.⁷²

As escritas nahua e mixteca estão divididas, de acordo com Viola König, em três categorias:

⁷⁰ BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 70-71.

⁷¹ DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967. Apud BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 71.

⁷² MONTORO, Gláucia Cristiani. Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico. Tese de Doutorado - Campinas: UNICAMP, 2008, p. 12.

“pictogramas (signos que representam objetos claramente identificáveis), logogramas ou ideogramas (pictogramas em sentido figurado ou que evocam uma ideia ou conceito) e pictogramas ou logogramas glotográficos (uso de signos para representar palavras, sílabas ou sons)”⁷³

O sistema de escrita dessas sociedades era baseado em registros pictográficos, onde os assuntos mais relevantes de um determinado grupo eram gravados em forma de desenhos sobre pedras, cerâmicas, murais e estelas. Os registros visuais estavam inscritos em áreas de circulação, predominantemente, das elites governantes, o que nos indica que as elites tinham acesso a todos os registros e as demais parcelas das comunidades tinham acesso a algum deles, provavelmente aqueles que foram confeccionados para uso social mais amplo, como salienta Eduardo Natalino dos Santos.⁷⁴

Já os registros produzidos na região andina se davam através dos *quipus*, sistema de registro baseado no uso de cordas e nós. Os *quipus* registravam as mais diversas informações como, por exemplo, “*objetos materiales, frases de oraciones o unidades de tiempo*”. Além disso, podia conter informações sobre a matemática, narrativas sobre sua liturgia e sobre seu calendário, e era o principal meio de se enviar mensagens por toda a capital.⁷⁵

Já para as sociedades maias, objeto de nosso estudo, o sistema de escrita se dava através dos caracteres *jeroglíficos* (Figura I). Assim como para os nahuas, seus suportes de registros eram variados, se davam por meio de estelas, cerâmicas, murais, altares, madeiras, ossos, etc. Além disso, registravam seus principais personagens históricos e suas divindades, seus ritos e as principais datas de seus eventos.

⁷³ KÖNIG, Viola. *La escritura mixteca*. In: ARELLANO HOFFMANN, Carmen (coord.) et. al. *Libros y escritura de tradición indígena: ensayos sobre los códices prehispánicos y coloniales de México*. Toluca (México): El Colegio Mexiquense; Universidad Católica de Eichstätt, p. 109-155, 2002, p. 117-120. Apud MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico*. Tese de Doutorado - Campinas: UNICAMP, 2008, p. 12-13.

⁷⁴ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009, p. 73-74.

⁷⁵ BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 113-114.

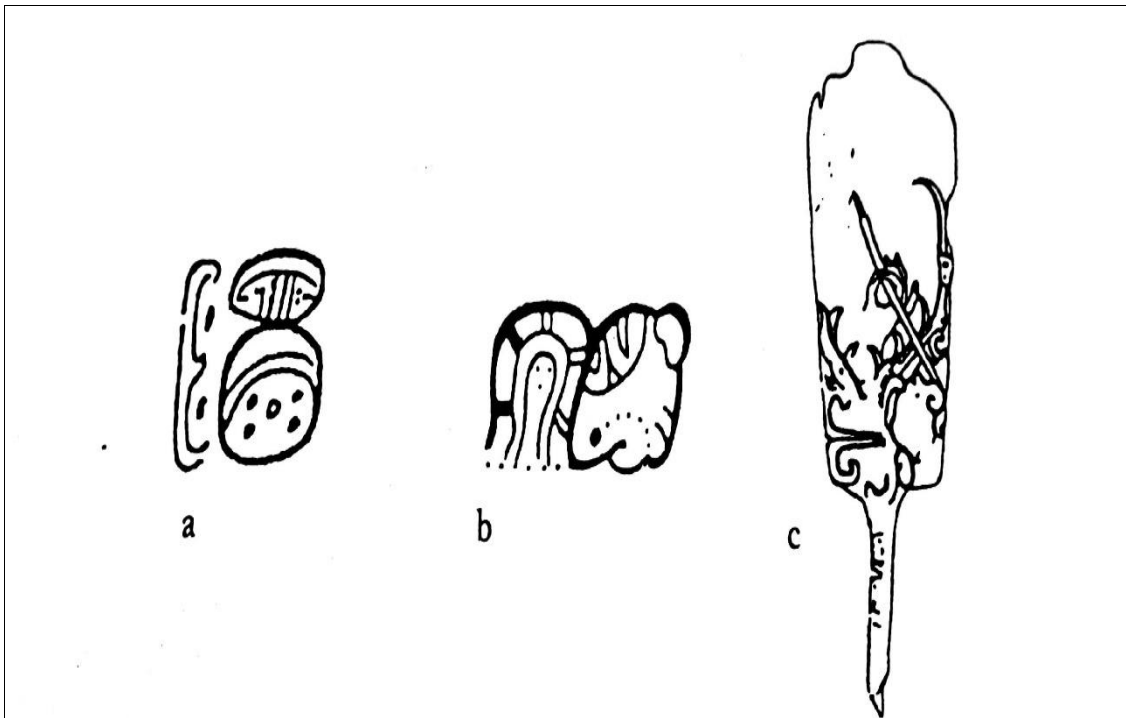


Figura I: Exemplo de *jeroglíficos* maia.⁷⁶

Segundo Mercedes de la Garza⁷⁷, a escrita maia é a mais desenvolvida de toda a América pré-hispânica, pois faz uso de *logogramas* para escrever palavras completas e seus signos representam sílabas, se tratando de uma escritura *logosilábica*. O conjunto de combinações desse tipo de escritura era o ponto chave para a realização da leitura dos registros produzidos por estas comunidades.

As informações registradas nos diversos suportes supracitados também ganharam o formato de livros, denominados códices (Figura II). Os códices eram confeccionados em papel de *amate* (casca da figueira), e devido ao formato de livros poderiam circular por outras regiões.⁷⁸ O formato mais privilegiado de registro era o *amoxtli* (livro em formato de biombo) feito de pele e com os mais variados conteúdos.

⁷⁶ Ibidem, p. 111.

⁷⁷ GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012, p. 27.

⁷⁸ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009, p.78.



Figura II: Exemplo de um códice maia pré-hispânico. Códice Dresde, página 24 e 25 do documento.

Os registros nos códices eram dos mais variados assuntos e, muitas vezes, reafirmavam a identidade do grupo e do governante no poder. Escritos pelas elites indígenas de cada *altepeme*, esses documentos relatavam a visão de mundo das sociedades mesoamericanas e sua organização social. Dentre as temáticas que podemos encontrar nesses códices, destacam-se: “as explicações sobre as origens e transformações do Mundo e do homem, as epopeias divinas, os prognósticos, as histórias grupais, as linhagens de governantes, os limites e fronteiras territoriais e a organização e o recolhimento de tributos.”⁷⁹

⁷⁹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009, p.79.

As temáticas dos códices estavam articuladas à tradição oral. A oralidade era o principal meio utilizado pelos grupos étnicos da região para se relatar e passar o conhecimento de geração em geração. O herdeiro da tradição era o principal responsável por manter viva a história de sua comunidade e de seus antepassados, além disso, a memória desses herdeiros serviu para contar o que foi vivenciado ou relatado por seu antepassado a fim de complementar ou reafirmar as informações que constavam nesses documentos. Durante o período pré-hispânico, reescrever os relatos era uma prática comum das elites que detinham o poder, e no período colonial esta foi uma prática que permaneceu sendo feita.

A linguagem visual mesoamericana era produzida pelos escritores-pintores denominados de *ajtz'ib'* em *k'iche'*, que quer dizer aquele da escrita/pintura (Figura III). Esses especialistas foram os principais representantes da tradição maia e de sua escrita, eles surgem, como diria Brotherston, “*como una forma altamente especializada de prácticas de representación más generales*”.⁸⁰



Figura III: Imagem de um *escriba* maia em vaso de cerâmica. Guatemala.⁸¹

⁸⁰ BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 90.

⁸¹ Imagem retirada da versão eletrônica da Revista Arqueologia Mexicana número 31. Disponível em: <https://arqueologiamexicana.mx/mexico-antiguo/que-son-los-codices>.

Os escribas/pintores permaneceram tendo sua importância durante o período colonial na Mesoamérica. Segundo Montoro⁸², eles passaram a auxiliar os cronistas e os missionários espanhóis durante o início da colonização e atendiam às demandas do período produzindo códices coloniais. Na área maia, aparentemente não foram produzidos muitos códices. A autora Mercedes de la Garza, estudiosa dos documentos maias coloniais, elenca em seu livro *El legado escrito de los mayas* os principais documentos⁸³ produzidos durante o período colonial. Através dele, é possível perceber que os maias elaboraram apenas dois códices: Códice de Calkiní e Códice Pérez. O primeiro relata sobre a linhagem Canul e Canché, os limites territoriais que pertenciam a estas linhagens e a conquista espanhola. Já o segundo relata a conquista espanhola e os eventos ocorridos em Yucatã entre os anos 1511 e 1562. Sendo assim, nos parece que na área maia havia uma produção muito maior de livros em caracteres latinos, definidos pela autora como literaturas maias. De acordo com a autora, um texto é considerado literatura maia quando “*haya sido escrito por hombres mayas, en alguna lengua mayense y cuyo contenido pertenezca a la tradición maya, aunque llegue a presentar influencias de la cultura occidental*”.⁸⁴ Os textos que foram escritos em línguas maias, com conteúdos não indígenas (como vocabulários e gramáticas), textos escritos por frades, crônicas e histórias escritas por espanhóis, mesmo que abordem sobre a tradição e os costumes indígenas, não são considerados literaturas maias a partir deste critério.

É importante ressaltarmos que a escrita não foi uma particularidade da região mesoamericana. Em outros espaços coloniais, os nativos também aproveitaram o contato com os espanhóis para reescrever suas histórias à luz de um novo contexto

⁸² MONTORO, Gláucia Cristiani. Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis. Estudo codicológico. Tese de Doutorado - Campinas: UNICAMP, 2008, p. 15.

⁸³ Os documentos elencados pela autora são: Códices de Calkiní, Códice Pérez, Crónica de Maní, Crónica de Yaxkukul, Crônicas de los Xiú, Documentos de tierras de Sotuta, Documentos de Tabí, Libros del judío, Ritual de los Bacabes, Títulos de Ebtún, Texto chontal en Papeles de Paxbolon-Maldonado, Popol Vuh, Rabinal Achí, Título de Totonicapán, Título de Yax, Título de Cristóbal Ramírez y Título de Pedro Velasco, Memorial de la Conquista y Título de Totonicapán, Título Tamub, Título C’oyoi, Títulos Nijjaib, Título del Ajpop Huitzitzil Tzunún, Título de los índios de Santa Clara la Laguna, Título de los señores de Sacapulas, Zacxicocxol - Baile de la Conquista, Papel del origen de los señores o Título Zapotitlán, Anales de los cakchiqueles, Historia de los Xpantzay, Título Chajoma, Título de Alotenango, Relación de los caciques y principales del Pueblo de Atitlán o Relación Tzutuhil, Título de San Bartolomé de la Costilla, Título de San Pedro Necta, Título de Ostuncalco y Chiquirichapa, Título de San Cristóbal Verapaz (Cagcoh). Ver: GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012, p. 38-57.

⁸⁴ GARZA, Mercedes de la. *La expresión literaria de los mayas antiguos*. In: *Historia de la literatura mexicana I. Las literaturas amerindias de México y la literatura en español en el siglo XVI*, coord. de Beatriz Garza Cuarón y Georges Baudot, México, D. F., Universidad Nacional Autónoma de México / Siglo XXI Editores, 1996, p. 185.

cultural, político e econômico que a colonização lhes trouxe. A reconstrução de identidades por parte das elites nativas, tanto nos espaços coloniais dominados por espanhóis quanto por portugueses, acabou por vincular suas antigas histórias às narrativas bíblicas trazidas pelos colonizadores. É importante observarmos que, com a chegada dos missionários cristãos na região e seus esforços de conversão e combate às idolatrias, muitos documentos e objetos indígenas pré-colombianos foram destruídos. Dentre os objetos destruídos e considerados vinculados ao passado pré-hispânico, estavam os livros sagrados das antigas culturas mesoamericanas, os códices.⁸⁵

Porém, em resposta à queima de seus antigos documentos, os nativos aproveitaram para reescrever suas antigas histórias em seus idiomas, e esses novos documentos ganharam uma nova estrutura, distinta dos produzidos no período que antecede a colonização. Segundo Mercedes de la Garza, estes novos libros “*revelan también un intento de mantener vivas sus creencias religiosas, así como la memoria de los grandes linajes mayas, nutriéndose de los antiguos relatos sobre el pasado, y son herederos de la forma de concebirlo que tuvieron los antiguos mayas.*”⁸⁶

Esses documentos produzidos por indígenas durante o período colonial eram parte de uma produção muito mais ampla e complexa de registros escritos. Como salienta Walter Mignolo⁸⁷, o contato dos europeus com o Novo Mundo gerou relatos que se encaixam em diversos tipos discursivos, que tinham por finalidade informar questões de interesse do governo e da administração dos novos territórios, relatar sobre as terras descobertas e seus habitantes, além de legitimar a posse das terras adquiridas durante o processo de conquista. De acordo com Mignolo, esse período foi marcado pela produção de diversos gêneros textuais, como: *Cartas Relatorias*, *Relaciones*, *Crónica* e a *Historia*, todos produzidos a partir de um contexto histórico em comum.

Ponderaremos a seguir as características dos gêneros textuais mencionados acima, tomando como base a classificação de Walter Mignolo, pois acreditamos que a explicação oferecida pelo autor contempla nossas necessidades, uma vez que sua abordagem está direcionada aos estilos textuais produzidos durante o período do

⁸⁵ MONTORO, Gláucia Cristiani. *Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001, p.26-28.

⁸⁶ GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012, p. 33.

⁸⁷ MIGNOLO, Walter D. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. 1, 1982, p. 57-116.

descobrimto e conquista, nosso recorte temporal. Além disso, nosso foco não é aprofundar os diversos tipos textuais elaborados ao longo do século XVI, mas sim mapear os estilos textuais que foram produzidos pelos escritores do período.

A principal característica das *Cartas Relatorias* era descrever o que se via dentro de um período cronológico. Os escritos dos quais temos acesso hoje, como os registros de Cristóvão Colombo, Hernán Cortés, Américo Vespúcio e Bartolomé de Las Casas, dentre outros, são cartas que foram direcionadas a alguém, ou seja, tinham um destinatário e também um objetivo em comum: “*hacer memoria de todas las dichas islas, y de la gente que en ellas hay y de la calidad que son, para que de todo nos traigas entera relación*”. O fazer memória do que se via, como uma espécie de diário, partiu da coroa, pois se fazia necessário naquele momento, uma vez que as terras descobertas nunca haviam sido vistas, muitos menos quem as habitava. Vale a pena destacar também duas observações a respeito das *cartas relatorias*: a primeira é que elas tinham como tema central as descobertas relacionadas ao Novo Mundo, e a segunda observação se dá pelo fato de que quem as escrevia, num primeiro momento, não seguia um modelo de escrita.⁸⁸

Já as *Relaciones*, têm como base um questionário confeccionado e entregue pelo Conselhos de Índias aos governadores, e a organização textual era determinada por este questionário e possuía exigências mais práticas. De acordo com Mignolo, estes questionários possuíam diversas perguntas relacionadas às terras conquistadas como, por exemplo: o nome da província na qual os espanhóis estão e qual língua se fala neste local; quem conquistou a província e em qual ano se deu esta descoberta e conquista; se o local é quente ou frio, se há muita água; se o solo é fértil, se é uma região montanhosa com poucos ou muitos rios; o nome e sobrenome de cada grupo, e quem colocou tal nome; dentre outras. As *Relaciones* foram moldadas a partir de um modelo pré-determinado e que foi se ajustando de acordo com as necessidades da Coroa. Suas informações estão mais relacionadas à geografia do local.⁸⁹

Por fim, a História, que possui a intenção de passar a dimensão de livro, também se confundiu como sinônimo de crônica. Tendo sua origem no grego, história tem o sentido de ver e formular perguntas através das próprias investigações e experiências

⁸⁸ MIGNOLO, Walter D. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. 1, 1982, p. 59-65.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 70-75.

relacionadas ao período em que se viveu, e não contém em sua definição o elemento temporal, e por isso podemos chamá-la de história natural. Porém, o debate em torno destes dois conceitos veio se transformando ao longo do tempo, e se tornou mais complexo. Já a crônica, por exemplo, veio modificando sua definição ao longo do tempo, pois durante o período medieval tinha como definição “*denominar el informe del pasado o la anotación de los acontecimientos del pasado, fuertemente estructurados por la secuencia temporal*”, e organizava os acontecimentos através das datas a fim de guardá-los na memória. Segundo Mignolo, podia-se utilizar anais no lugar de crônica ao narrar os acontecimentos dignos de se guardar na memória. Outro ponto que vale ressaltar é que no período que nos interessa (o descobrimento), os cronistas tinham mais apego a criar um discurso mais elaborado, bem escrito, inclinados mais à retórica do que os cronistas do período medieval.⁹⁰

Durante o século que antecede a colonização, muitas crônicas foram produzidas. De acordo com Odilo Engels, elas foram sendo estabelecidas a partir da intenção de quem escreveu a história e o objeto. A crônica era escrita por um único autor, que era conhecido pelo nome, destinada a um público amplo e tentava abarcar uma matéria histórica mais abrangente, desde o início determinado até o momento em que se escrevia. Teve também o surgimento de crônicas com recortes mais restritos e as crônicas analíticas, redigidas por vários autores não conhecidos que registravam notícias contemporâneas e não recuavam até as origens.⁹¹

Com a conquista e a evangelização do Novo Mundo, esta produção foi sendo difundida e chegou através dos espanhóis à Mesoamérica. Houve a produção de diversas crônicas por parte dos europeus, mas a elite indígena através do processo de catequização, incorporação do alfabeto latino e dos ensinamentos nos colégios, também produziram seus textos, relatando suas histórias étnicas, muitas vezes através da estrutura textual dos europeus.

O historiador francês Serge Gruzinski relata que, a partir do final do século XVI, através dos registros das *Relaciones geográficas*, as elites indígenas “faziam um

⁹⁰ MIGNOLO, Walter D. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. 1, 1982, p. 75-98.

⁹¹ ENGELS, Odilo. Compreensão do conceito de Idade Média. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de História*. São Paulo: Editora Autêntica, 2013, p. 66-75.

balanço forçado do que guardavam na memória”⁹², pois ainda mantinham um elo com seu passado pré-hispânico. A colonização nos espaços coloniais abriu espaço para uma nova escrita identitária dos grupos étnicos que ali viveram, houve uma ressignificação de suas histórias a partir do contato com a história do *outro*, o europeu. Ao nos depararmos com os documentos produzidos nos espaços coloniais pelas elites nativas, notamos que havia um esforço de se transmitir informações sobre seu passado e suas terras, a fim de manter seus direitos perante o governo local.

A produção dos textos deveria fazer sentido para os espanhóis, pois a concepção de escrita para os nativos era distinta, sua concepção de tempo (cíclico) e a forma de narrar os eventos faziam sentido somente em seu universo, devido à sua própria lógica interna. Porém, para defender seus direitos e suas terras perante a administração espanhola, os indígenas tiveram que adaptar suas histórias ao modelo de escrita do conquistador. Por isso, ao analisarmos os documentos aqui selecionados, percebemos que a estrutura narrativa segue uma lógica cronológica, no formato de anais, característico do universo espanhol.

Com o objetivo de construir uma memória para que em qualquer momento possa ser consultada e jamais esquecida além de reforçar uma visão sobre o passado e a identidade, os *Títulos primordiales* surgem no seio das comunidades nativas. Redigidos nas próprias línguas locais, os *títulos* registravam os limites de seus territórios e serviram como escritos que legitimavam e confirmavam a posse da terra. Em seu livro *A colonização do imaginário*, Gruzinski analisa os documentos de origem nahua produzidos ao longo do período colonial e relata que os *títulos* foram produzidos, provavelmente, na metade do século XVII, tendo como base para tal afirmação a data sugerida a partir da grafia, as datas que são assinaladas no próprio título, o domínio da escrita, a natureza do conteúdo dos documentos e a comparação feita com documentos do século XVI e início do XVII.

De acordo com Gruzinski, os *Títulos primordiales*,

“se distinguem dos autênticos na medida em que são falsos, em geral produzidos muito depois das datas que apresentam. São falsos por relatarem fatos historicamente inexatos, às vezes até totalmente inventados, e por terem

⁹² GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e a ocidentalização do México espanhol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 152.

sido produzidos para substituir títulos autênticos que podem jamais ter existido ou que foram destruídos, extraviados, vendidos ou negligenciados por comunidades e *pueblos* incapazes de decifrar esses documentos em espanhol, ao longo do século XVI.”⁹³

A partir da afirmação acima feita pelo historiador francês, os *títulos* podem ser considerados “falsos” por relatarem histórias indígenas referentes ao período pré-hispânico de maneira “inexata”, fazendo menção, por exemplo, a personagens, eventos ou datas que não condizem com as apontadas em outras fontes sobre o período. No entanto, pesquisadores vêm realizando, nos últimos anos, uma série de questionamentos à perspectiva que reduzia esses documentos a algo “falso” e, por consequência, inferior ou menos relevante.

Valendo-se dos *títulos* como uma construção de memória, creio que na área maia esses documentos foram produzidos para provar que as informações que ali constam são antigas. Podemos perceber isso no *Popol Vuh*, um documento maia que autores como Mercedes de la Garza e Federico Navarrete relatam que as informações ali contidas foram retiradas de antigos códices e estelas produzidas pelas elites dirigentes maias. Vale destacar também que documentos como o *Memoria de Sololá* e o *Totonicapan*, ainda seguiam registrando seus eventos mesmo após sua suposta data de produção.

Os registros produzidos muitas vezes por membros ou a mando das elites indígenas locais serviram para fundamentar a identidade da comunidade e foram utilizados como instrumentos de defesa. É interessante observarmos que, na Índia portuguesa, as elites locais também aproveitaram a ordem imperial para defender seus direitos políticos através da escrita identitária. Tendo como área de interesse as ideias políticas e a história cultural dos impérios durante o período moderno, sobretudo as relações de poder, saber e religião, a historiadora Ângela Barreto Xavier aborda as elites indígenas convertidas ao cristianismo em Goa. Em seu artigo *David contra Goliás na Goa seiscentista e setecentista. Escrita identitária e colonização interna*, a autora busca compreender, através da durabilidade do império português na Índia, como as elites indígenas locais convertidas ao catolicismo se transfiguraram em colonizadores

⁹³ Ibidem, p. 153.

internos⁹⁴. Durante o processo de reconstrução de identidade ocorrido após o contato com os comerciantes, soldados e missionários europeus, cada elite vinculava seu passado às narrativas da Bíblia, resignificando assim suas histórias. As elites locais buscavam, através de estratégias, superar o estatuto de povo subordinado e se valer dos benefícios que o período imperial ofereceu para alcançar poderes locais. O contato com a cultura do colonizador, as histórias bíblicas e a memória das antigas histórias fizeram as elites indígenas repensar suas tradições, uma vez que suas memórias estavam sendo povoadas pelos símbolos cristãos⁹⁵.

Na área do Peru, as elites andinas também buscaram refazer suas histórias, mas se depararam com um problema que perpassa também os grupos étnicos da Mesoamérica, pois sua concepção de tempo não seguia uma cronologia linear e finita como a dos europeus, sendo assim, este é um problema enfrentado ao analisar os documentos produzidos pelas comunidades nativas.

O pesquisador Frank Salomon nos traz algumas reflexões a respeito da metodologia ao analisar os documentos produzidos durante o período colonial na região do Peru. Primeiramente, o autor chama atenção para a narrativa diacrônica do tempo ao analisar os textos andinos, e argumenta que a mesma deveria ser compreensível para o europeu, mas sem abandonar a concepção andina de tempo. O segundo ponto importante da análise de Salomon, e que devemos ter em mente ao analisar os documentos elaborados durante o período colonial, diz respeito à duplicidade cultural que existe nesses documentos. Não devemos direcionar o nosso olhar para uma tentativa de delimitar o que seria indígena e o que seria europeu nestes documentos, porque ao reescrever suas antigas histórias os nativos introduziram o novo a partir de traços antigos. Ao mesmo tempo em que esses documentos obedecem às pressões provenientes da coroa espanhola e de Igreja católica, eles também obedecem a uma “ideologia indígena”, introduzindo nesses documentos normas de legitimidade inca para um futuro dominado pelos espanhóis.⁹⁶

Os dois pontos abordados por Salomon deverão ser levados em conta em nossa análise, pois ao nos depararmos com os dois documentos “híbridos” que vamos analisar

⁹⁴ XAVIER, Ângela B. David contra Golias na Goa seiscentista e setecentista. Escrita identitária e colonização interna. *Ler História*, no 49, 2005, pp. 104-143.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 130.

⁹⁶ SALOMON, Frank. Crónica de lo imposible: notas sobre tres historiadores indígenas peruanos. *Revista Chungará*, no. 12, 1984, 81-98, pp. 83.

nas próximas páginas, devemos ter em mente que a concepção de tempo para os povos maias se dava de forma diferente da utilizada pelos europeus, pois os calendários mesoamericanos não seguiam uma cronologia linear. Ao analisarmos esses documentos produzidos por membros das elites maias, percebemos que mesmo introduzindo a concepção de tempo linear do europeu, não abandonaram seu calendário, introduzindo o calendário europeu e indígena em suas narrações. Também não devemos, de forma alguma, separar os elementos entre os que seriam “indígenas” e os que pertenceriam ao mundo do “colonizador”, pois as histórias e os elementos foram ressignificados e reinterpretados pelas elites locais a partir dos ensinamentos religiosos e o contato com a cultura do espanhol.

Tendo essas duas ponderações em mente e a forma como se dava a escrita mesoamericana, levando em conta os temas que eram abordados durante o período pré-hispânico e as modificações ocorridas a partir da conquista e evangelização, daremos enfoque a dois documentos maias produzidos na região das Terras Altas da Guatemala. Documentos estes produzidos por dois grupos étnicos distintos e inimigos durante o período que antecede a colonização. O que pretendemos com a análise desses documentos é buscar entender como cada grupo se representava e representava seus grupos étnicos rivais nas narrativas.

Vale destacar também que, ao analisarmos os documentos produzidos por essas elites, é importante termos em mente a ressalva defendida e analisada por Federico Navarrete sobre as relações entre mito e história em suas narrativas. Para ele, os dois campos, o mítico e o histórico, não deveriam anular um ao outro e serem interpretados como incompatíveis no momento da análise. De acordo com o historiador mexicano, seria importante encontrarmos uma abordagem que incorpore as duas metodologias, pois *“se trata de comprender las tradiciones indígenas como documentos plenamente históricos con un fuerte componente mítico”*.⁹⁷ Ter essa percepção ao analisar nossos documentos se faz necessário, pois, em ambos, tanto a parte mitológica quanto a histórica se fazem presentes no discurso, ainda que com intensidade variável.

2.2. El Título de Tonicapan

⁹⁷ NAVARRETE, Federico Linares. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. Estudios de Cultura Náhuatl, México, v. 30, p.231-256, 1999, p.232.

El Título de Totonicapán foi escrito em língua *k'iche* da Guatemala durante o século XVI. Neste livro, encontramos a história do governante Quikab, desde seu nascimento até a época de seu maior prestígio. O manuscrito termina com a expedição do governante Quikab, a partir de sua saída da capital *k'iche*, Chi Gumarcaah Izmachí, até a costa do Oceano Pacífico. A narração do documento não vai além do reinado de Quikab, pois com a conquista espanhola a nação *k'iche* perde a sua liberdade.

A primeira tradução do documento para o espanhol se deve ao padre José Chonay.⁹⁸ Em viagem à Guatemala em meados do século XIX, o intelectual francês Charles Étienne Brasseur de Bourbourg também reconheceu a importância deste manuscrito para a história dos *k'iche* e levou uma cópia para a Europa com a intenção de utilizá-lo em seus trabalhos. Após a morte do pesquisador, Alphonse Pinart adquiriu sua cópia, mas outras traduções foram sendo realizadas a partir de outras cópias. Nest período, foi organizado um pequeno volume com este material, conhecido como *El Título de Totonicapán*. A cópia de Brasseur de Bourbourg encontra-se hoje na Biblioteca Nacional de França. Não se sabe a localização do documento original. Julgase o conteúdo deste documento a partir da tradução do Padre Chonay.⁹⁹

Charles-Étienne Brasseur de Bourbourg foi um importante estudioso das culturas mesoamericanas, sobretudo maia e asteca. A partir da segunda metade do século XIX, este pesquisador, que também era sacerdote católico, iniciou seu trabalho missionário pelo México e América Central, estreitando laços com comunidades indígenas como, por exemplo, os *mames*, *k'iche* e *kaqchikel*, com o intuito de conhecer seu passado, sua cultura e seu idioma. Este estudioso foi responsável por obras que têm como temas as antigas culturas mesoamericanas, além de ter analisado documentos escritos em idiomas indígenas, como é o caso das fontes aqui analisadas e do *Popol Vuh*, o livro sagrado dos maias *k'iche*.¹⁰⁰

A versão de um dos documentos analisados por este religioso que analisamos na presente pesquisa é a tradução direta feita por Robert M. Carmack do mesmo documento utilizado por Chonay em 1834. Em visita à Guatemala no ano de 1973, o

⁹⁸TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948, p 211.

⁹⁹RECINOS, Adrián. Advertência. In _____. *Título de los Señores de Totonicapan*. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 211.

¹⁰⁰Para saber mais ver: MUÑOZ.Manuel Ferrer. *Brasseur de Bourbourg ante las realidades indígenas de México*. In: *La imagen del México decimonónico de los visitantes extranjeros: ¿un Estado-nación o un mosaico plurinacional?*. coord. de Manuel Ferrer Muñoz. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2002, p. 261-286.

grupo *k'iche* Yaxes mostrou o documento que estava em seu poder a Carmack, o mesmo analisou e realizou a tradução para o espanhol. Quando esteve em contato com o documento, não havia metade do último *folio*. No entanto, segundo Carmack, mais de um século antes, o Padre Chonay teria tido contato com a versão integral do documento¹⁰¹ A tabela¹⁰² abaixo nos mostra o processo de tradução pelo qual passou o documento durante os séculos XIX e XX e seus respectivos tradutores.

Tabela I

Tradutor	Ano	Idioma
Padre Dionisio José Chonay	1834	Espanhol
Abate Brasseur de Bourbourg	1860	Espanhol
Alphonse Pinart	----	Francês
Conde de Charencey	1885	Francês e Espanhol
Adrián Recinos	1950	Espanhol
Robert M. Carmack e James L. Mondloch	1983	Espanhol


Nas últimas décadas, o material mais difundido pelo meio acadêmico tem sido a publicação de Adrián Recinos publicada pela Fondo de Cultura Económica em 1950. Porém, Recinos não copiou as primeiras folhas do documento, pois segundo ele este trecho tinha uma relação com as sagradas escrituras, sobretudo com os assuntos relacionados à criação do mundo, Adão e Eva e tudo o que diz respeito ao Gênesis.¹⁰³ Sendo assim, não faremos uso da publicação deste autor por não considerarmos o material completo, e optamos pelo uso da tradução de Carmack por ser a versão

¹⁰¹ CARMACK. Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983, p. 9.

¹⁰² Ver: CARMACK. Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983. & TÍTULO de los Señores de Totonicapan. Mexico; Buenos Aires: FCE, 1948.

¹⁰³ CARMACK. Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983, p. 9-10.

publicada mais completa do *El Título de Totonacapan*. Além disso, o autor nos traz a cópia do documento em *k'iche*, o que nos dá uma ideia de como ele seria em seu formato original (Figura IV) e a estrutura na qual foi escrito pelos indígenas durante o século XVI.



VAE VCabtzih nima bixel Vae bbi
 para yio Terrenal Rulerual Ea
 nal Ra xal ——— ——— ———
 chu chaxic hita. Vacamie xchimóih chi
 uei. Vgoheic darayisoterenal xahupch
 tzih xchin bñ chine ch gouí vcho. otahic
 vEihii: xban vinnun chibunot xumal
 Dios nima akau: Vnabe vae vñgo.
 xvina kiricah nima cak vidios ni
 ma akau: lunces vca bñ h belestaz di
 cah xgacc xumal di g nñu vbel hichal
 que q'lou ch rih v'eu que cutnu puch
 chirono no hel Eich vñ hutzagut chi
 a labic: hunclic cubul vochon vñna.
 mit chirono heicini: Rox Eich xucunaki
 ricah xononal huyubta Eich che ab sh
 x'go he xonohc' pamar de g = Mic' g of g
 vca h Eich Eich ghu mit xya quica kil rñ
 Dios nñu vñimakil ghu mit xug Eich
 y g vetal cak vetal' acab = gne bez
 Ro Eich xvina kiricah carpuha cug g'ñ
 vñnakiricah rñma car =

Figura IV: Primeiro folio do documento em *k'iche*.

Podemos considerar o *Título de Totonicapan* como sendo um exemplo de documento híbrido, pois os elementos das antigas histórias indígenas foram ressignificados durante o período colonial. Podemos tomar como exemplo a modificação na estrutura do texto (a figura acima evidencia a estrutura na qual foi escrita o texto durante o período colonial), já que durante o período pré-hispânico os documentos eram escritos no sistema de escrita *jeroglífica*, e também a presença das narrações a respeito do Gênesis que se encontram nas primeiras páginas do documento, como podemos ver no trecho abaixo:

*Éste es el segundo capítulo del gran cuento, llamado Paraíso Terrenal la tierra de amarillez y verdor. Escuchen, ahora les voy a contar como era el Paraíso Terrenal. En primer capítulo, les voy a decir solamente como se determino el orden de los días en los que fueron hechas unas obras por Dios el gran Señor.*¹⁰⁴

De acordo com Simoneta Morselli Barbieri, a influência cristã na fonte analisada está associada, provavelmente, ao documento denominado *Theologia Indorum*¹⁰⁵, escrito pelo frade Domingo de Vico antes das primeiras produções dos relatos na área maia. Vico era um grande estudioso da cultura, religião e tradição maia, seu documento foi escrito para ser lido pela elite maia tendo como objetivo utilizá-lo como instrumento de evangelização. Outro documento da área maia que pode ter sofrido influência da *Theologia* de Vico, é o célebre *Popol Vuh*, considerado por muitos autores como contendo o mito cosmogônico mais completo da Mesoamérica.¹⁰⁶

2.3. Memorial de Sololá

O manuscrito *Memorial de Sololá* relata a história do povo *kaqchikel*. Escrito no final do século XVI, este documento possui o relato da miséria em que este povo vivia após a chegada dos espanhóis em seu território: De acordo com Adrián Recinos, este

¹⁰⁴ CARMACK, Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983, p. 167.

¹⁰⁵ VICO, Fray Domingo. *Theologia Indorum*. Guatemala: Instituto de Linguística e interculturalidad, Universidad Rafael Landívar, 2011.

¹⁰⁶ ARMOSINO, Antonio Gallo. *Presentación*. In: VICO, Fray Domingo. *Theologia Indorum*. Guatemala: Instituto de Linguística e interculturalidad, Universidad Rafael Landívar, 2011, p. 3-8.

livros “*se conservó en el pueblo de Sololá, cabecera de corregimiento, situado en una montaña que domina el Lago de Atitlán, y fue recogido más tarde por los religiosos de San Francisco, que administraban espiritualmente la región*”.¹⁰⁷

Em visita à Guatemala, em 1844, Don Juan Gavarrete, quem transcreveu documentos relativos à história do país, encontrou o manuscrito de Sololá. No ano seguinte, chegou à Guatemala o já citado pesquisador francês Charles Etienne Brasseur de Bourbourg, dedicado ao estudo da história e das línguas dos indígenas guatemaltecos. Brasseur de Bourbourg tomou conhecimento do manuscrito e o traduziu para o francês. Ele compreendeu que o documento era importante para a história do país e, antes de regressar à Europa, fez uso do manuscrito para compor sua *Historia des Nations Civilisées du Mexique et de L'Amérique Central*, na qual incluiu algumas passagens do manuscrito, sem nunca tê-lo publicado integralmente. Antes de retornar à Europa, o pesquisador deixou uma cópia de sua tradução em francês para Gavarrete, que acabou sendo publicanda em 1873. A tradução completa do *Memorial de Sololá* para o espanhol se deve ao licenciado Don J. Antonio Villacorta, publicada na Guatemala apenas em 1934.¹⁰⁸

O documento dos *kaqchikel's* teve como título *Memorial de Tecpán-Atitlán*. A denominação se deu em razão dele ter sido escrito em Tzololá - comunidade indígena dos *kaqchikel* - junto ao Lago de Atitlán. Entretanto, seu título veio a ser substituído pelo nome do centro comercial Sololá (que chegou a ser um centro importante para a nação *kaqchikel*). Desta forma, o documento dos *kaqchikeles* teve seu título modificado para o que conhecemos hoje: *Memorial de Sololá*.

O *Memorial* não foi escrito somente por um autor. Inicialmente, foi produzido por duas pessoas, porém, em seguida, ocorreu a intervenção de diversas outras.¹⁰⁹ Neste documento, podemos encontrar, de modo geral, a vida da comunidade indígena *kaqchikel* desde o surgimento dos ancestrais fundadores, como o período de migração, fundação de sua capital e a chegada dos espanhóis.

¹⁰⁷ RECIÑOS, Adrián. Memorial de Sololá. In: GARZA, Mercedes de la. *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980, p. 103.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 17.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 107.

La narración prosigue de la misma mano por algún tiempo, pero es indubable que, en la última época, varias personas tuvieron acceso al libro cakchiquel convirtiéndolo en una especie de diario de la comunidad indígena, en el cual se registraron nacimientos y muertes, tránsito de viajeros importantes, disputas de tierras, incendios de casas y plantíos, eclipses, terremotos, prisiones, socorros a gentes necesitadas, contribuciones, gastos comunes, compra de campanas (¿), retablo y órgano para la iglesia, etc, etc.¹¹⁰

O manuscrito inicia-se com a história dos antepassados da comunidade, não dedicando muito espaço para a cosmogonia, uma vez que a criação do homem é descrita em poucas linhas. Para Recinos, o *Memorial* confirma a história do *Popol Vuh*, no que diz respeito à criação do Mundo. Dessa forma, sua contribuição seria valiosa para a história, pois descreve as primeiras fundações dos índios, a conquista espanhola e o primeiro século da colonização. De acordo com o historiador norte-americano Justin Winsor, o que torna o manuscrito de Sololá um importante documento da história indígena é o fato de proporcionar uma versão indígena da conquista da Guatemala pelos espanhóis¹¹¹.

2.4. A estrutura dos documentos do *Memorial de Sololá* e *Título de los Señores de Totonicapán*

Os documentos produzidos durante o período colonial foram reescritos pelas elites governantes do grupo étnico no poder. A tradição que antes era declamada através da oralidade, passou a ser fixada no papel após a chegada dos europeus, pois para a cultura ocidental o conhecimento não se perde se for registrado através da escrita, além de facilitar o acesso para realizar consultas aos registros históricos, o que a oralidade não permitiria.¹¹² Essa transformação ocorrida no período colonial possibilitou aos indígenas reelaborarem seus documentos históricos em novos formatos e usando um novo sistema de registro, preservando suas histórias para as futuras gerações e, ao mesmo tempo, atendendo ao novo público, o ocidental europeu.

¹¹⁰ Ibidem, p.109-110.

¹¹¹ Ibidem, p. 113.

¹¹² RABASA, José. *Ecografías de la voz en la historiografía nahua*. Historia y Grafía. México: Departamento de Historia, Universidad Iberoamericana, p. 105-151, 2005, p. 116-118.

Como apontamos acima, os documentos aqui analisados podem ser interpretados como documentos híbridos, pois encontramos neles elementos ocidentais e indígenas. Em uma das passagens do documento do *Totonicapan* podemos identificar um exemplo desta convivência híbrida na narrativa quando o autor cita, na passagem que narra a criação de Eva, seu deus *Ts'akol-Bitol* e o relaciona com o Deus dos espanhóis: “*Entonces él dio gracias a Dios; “Gracias a Vos mi Ts'akol-Bitol, porque me dísteis una compañera”, le dijo a Dios el gran Señor.*”¹¹³ Este trecho deixa claro que o universo cultural dos indígenas da região passou a conviver com a cultura do colonizador europeu, o que fica visível não apenas pelos elementos ocidentais que encontramos nesses documentos, mas pela própria forma de se narrar as histórias.

Os indígenas procuraram, nesses documentos, legitimar suas terras, não somente perante os espanhóis, mas também em relação aos grupos étnicos vizinhos. Por não termos acesso aos documentos pré-hispânicos, queimados após a chegada dos colonizadores, esses manuscritos nos permitem conhecer algumas das tradições históricas desses grupos e as histórias de fundação de seus *altepeme*¹¹⁴ até a chegada dos espanhóis.

A despeito de suas muitas especificidades, ambas as obras analisadas apresentam alguns elementos em comum. Isso fica visível, por exemplo, em relação a aspectos narrativos envolvendo a trajetória dos dois povos desde um passado mítico até se estabelecerem na região das Terras Altas da Guatemala. Tanto o *Memorial de Sololá* quanto o *Título de los Señores de Totonicapán* identificam um local chamado Tula como ponto de partida de uma migração que se encerra com a fixação dos respectivos grupos étnicos em seu *altépetl*.

O *Memorial de Sololá* é organizado da seguinte maneira: na primeira parte, o autor relata quem são os primeiros pais e avós do grupo étnico *kaqchikel*; a saída dos antepassados da cidade de Tula; a migração realizada pelos primeiros ancestrais e os acontecimentos sucedidos durante esta caminhada até a fixação do grupo étnico na sua capital definitiva; o início do conflito com o seu grupo rival, os *k'iche*; a revolução que marcou a história do passado *kaqchikel*, pois foi em sua capital que os *k'iche* foram, de

¹¹³ CARMACK. Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983, p. 170.

¹¹⁴ Em língua *náhuatl*, *Altepeme* é o plural de *Altépetl*. E *Altépetl* se refere a um território independente, constituído por um centro de população e territórios ao redor.

fato, derrotados pelos *kaqchikeles*; os conflitos com grupos inimigos; dentre outros eventos.

Na primeira parte do documento, que começa na página 47¹¹⁵ e termina na página 123 da edição de Recinos¹¹⁶, ele é organizado por partes enunciadas por títulos. Em cada uma dessas partes foi colocado um título e, em seguida, narrado o evento (ou os eventos) que o autor do manuscrito julgou importante, conforme podemos visualizar na imagem (Figura V) abaixo do próprio documento.

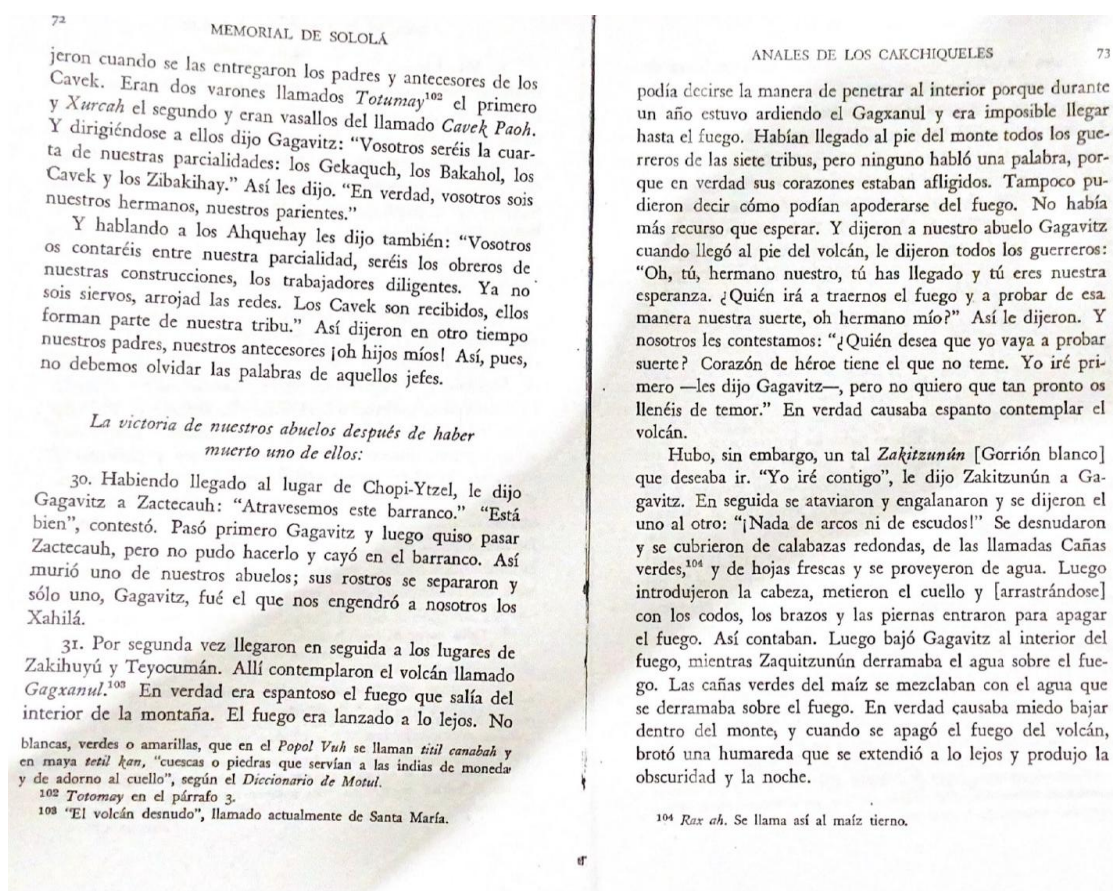


Figura V: estrutura interna do documento traduzido por Recinos.¹¹⁷

¹¹⁵ Não tivemos acesso ao documento original. Utilizamos aqui a publicação do documento por Andrián Recinos tanto do Memorial de Sololá.

¹¹⁶ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

¹¹⁷ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 72-73.

A segunda parte do documento inicia-se com a chegada dos espanhóis. Podemos perceber, através dos elementos presentes, que os indígenas *kaqchikel's* passaram a adotar alguns costumes da cultura ocidental, sobretudo os relacionados à religião:

“(...) llegaron aquí nuestra iglesia nuestros Padres de Santos Domingo, Fray Pedro Angulo y Fray Juan de Torres. Legaron de México el día 12 Batz [10 de febrero de 1542]. Nuestra instrucción comenzó por medio de los Padres de Santos Domingo. Luego salió la Doctrina en nuestra lengua.”¹¹⁸

Nota-se que se tem início o processo de contato com a Igreja a partir do momento em que o autor comenta que foi feita a doutrina no idioma dele. Um dos conteúdos narrados nessa segunda parte do documento diz respeito a uma epidemia que os indígenas enfrentaram e as mortes que ela causou.

A parte final do documento é organizada no formato de anais, no qual o ano é o elemento organizativo do texto: coloca-se o ano e, abaixo, se narra um determinado evento (Figura VI).

¹¹⁸ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 139.

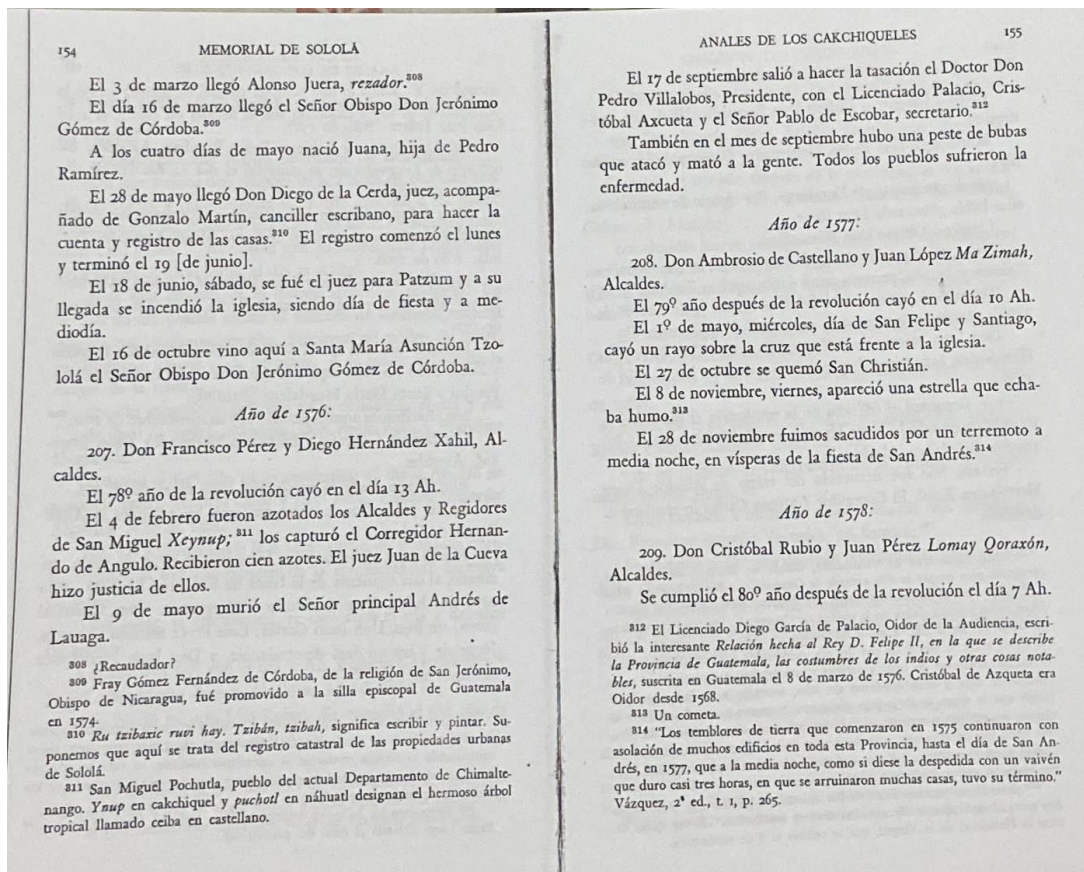


Figura VI: Exemplo da estrutura interna do documento.¹¹⁹

Já o *Título de los Señores de Totonicapán*, na tradução de Robert M. Carmack e James L Mondloch, é dividido por folios e títulos. A primeira parte do documento é dedicada a um conteúdo mais religioso, que se aproxima da tradição bíblica e cita nomes como o de Moisés, por exemplo, e menciona também a história de Adão e Eva e do fruto proibido. Após quase duas centenas de páginas dedicadas às questões religiosas, o documento passa a descrever a história da comunidade *k'iche* que tem seu início a partir do segundo título do documento chamado “*Transición de la tradición bíblica a la historia quiche*”. A partir de então, o documento narra a história desta comunidade, incluindo temas como as migrações; as conquistas de territórios; os primeiros chefes da linhagem e seus antepassados *k'iches*; narra também os primeiros centros políticos; os primeiros conflitos com outros grupos, como os *Uxab*, *Bacaj* e *Quebatsunjá*. Por fim, o documento conclui sua narrativa falando sobre a colonização na área de *Totonicapan*.

¹¹⁹ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 154-155.

Tanto o *Memorial de Sololá* como o *Totonicapán* se estruturam de forma parecida. Ambos iniciam suas histórias relatando um pouco de sua cosmogonia, ainda que, no caso do primeiro documento, não seja dedicado muito espaço a ela. Já na segunda fonte, percebemos um relato mais extenso sobre a tradição religiosa, assim como acontece no *Popol Vuh*¹²⁰, que tem o mito cosmogônico mais completo da Mesoamérica.

Após referências a mitos de origem, muitas vezes associados a aspectos relacionados ao cristianismo, a narração segue para as migrações realizadas pelas comunidades até o seu estabelecimento em seu território definitivo, local em que a comunidade decide se fixar e se multiplicar. O *Memorial de Sololá*, diferentemente do *Totonicapán*, narra ainda a chegada dos espanhóis e os anos que se sucedem à colonização e evangelização nas Terras Altas da área maia.

Ainda em relação à estrutura desses documentos, é interessante ressaltarmos sua organização por títulos e datas, em estrutura semelhante aos anais tradicionalmente associados à cultura europeia. Acreditamos que este tipo de estrutura foi adotado em decorrência da relação com a cultura do *Outro*, pois as histórias dos documentos pré-hispânicos eram tradicionalmente estruturadas através de imagens e símbolos.¹²¹ No entanto, também existem muitas diferenças entre esses documentos. A principal delas, no que se refere à organização das informações, pode ser percebida na importância das datas para as histórias. O *Memorial de Sololá* faz um uso maior das datas para demarcar seus eventos do que o *Totonicapán*. Além disso, no *Memorial* se utiliza o calendário mesoamericano e o calendário ocidental em suas histórias, como podemos ver nas citações abaixo:

*“Estaba para terminar el decimocuarto año después de la revolución cuando murió también nuestro abuelo Oxlahuh Tz’í. Murió el día 3 Ahmak [20 de julio de 1508]. Este rey se había hecho temer verdaderamente por su poder. Jamás fue vencido desde el día en que nació; hizo muchas guerras y conquistó muchas ciudades hasta el día en que murió (...)”*¹²² (grifo nosso).

¹²⁰ POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011.

¹²¹ Esta suposição está relacionada aos documentos sobreviventes da região maia.

¹²² MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 116.

En el curso de este año se reanudó la guerra con los quichés. El día 8 Ganel [12 de mayo de 1511], entramos al Quiché, gobernando Hunyng, nuestro abuelo, y el Nimá Ahpop Achí, abuelo vuestro, cuando llevaron la guerra al Quiché (...) ¹²³(grifo nosso)”.

As estruturas dos documentos, expostas acima, contendo a introdução de datas, títulos, divisão em capítulos, dentre outros elementos, fizeram parte de uma adaptação indígena para registrar suas tradições históricas e seu passado frente ao novo contexto colonial, marcado por novas necessidades, interesses e imposições. Esta nova estrutura surge a partir do contato com a cultura do europeu. Antes do período colonial, os documentos pré-hispânicos eram elaborados em formato de códice, usando sistema de escrita *pictoglífico*¹²⁴ (combinação de elementos pictóricos e glíficos). Esses códices eram elaborados por especialistas conhecidos como *tlacuilos*¹²⁵ e interpretados diante de sua comunidade. Com a introdução da escrita alfabética, os registros históricos vão se estruturar de forma distinta, pois a situação de contato vai reestruturar a sua forma de conceber a história.

¹²³ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 117.

¹²⁴ Santos define o termo “pictoglífico” como um sistema de escrita não alfabético no qual ocorre uma combinação entre elementos pictóricos e glíficos (SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictoglífica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, vol. 14, p. 241-258, 2004, p. 241-243).

¹²⁵ Os *tlacuilos* eram os responsáveis pela produção dos livros indígenas. E os livros eram lidos pelos membros das elites indígenas que aprenderam o sistema pictográfico ou pictoglífico, ensinado aos seus membros de geração em geração.

CAPÍTULO 3: TRADIÇÃO, LEGITIMAÇÃO E AS RELAÇÕES INTERÉTNICAS NA CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS INDÍGENAS

3.1- A alteridade na construção do Eu

Durante o século XVI, a *Mesoamérica* passou por um período de transformações ocorrido pelo processo de conquista e colonização espanhola seguido pela evangelização dos nativos. Foi um período de violência, queima de documentos indígenas considerados idolátricos, perda de poder por parte da elite indígena e, sobretudo, pelo encontro cultural entre espanhóis e nativos americanos.

O encontro entre o *Eu* (indígena) e o *Outro* (europeu) gerou transformações nas tradições indígenas, o que provocou a construção de novas identidades durante o período colonial. A relação com esse *Outro* europeu trouxe modificações a todas as culturas mesoamericanas. Os livros históricos e as tradições orais das comunidades passaram por um processo que alguns autores denominam como de hibridismo cultural, resultando na interação de elementos, tanto da tradição mesoamericana quanto da ocidental, os quais passaram a conviver.

A diferença entre duas culturas distintas se torna mais evidente, de acordo com François Hartog¹²⁶, quando ambas passam a fazer parte de um mesmo sistema. Quando essa diferença é dita ou transcrita para alguém, inicia-se um trabalho de busca de elementos do *Outro* para o próprio, o que gera o problema da tradução. No caso dos europeus, por exemplo, segundo Montoro, ao traduzir elementos da cultura do *Outro* indígena, o europeu acaba fazendo referência “(...) a mitos, cerimônias e costumes indígenas que tenham paralelo com aspectos da cultura ocidental cristã (...). Para traduzir a cultura do outro, utilizam comparações com elementos de sua própria cultura (...)”¹²⁷.

¹²⁶ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999, p. 229.

¹²⁷ MONTORO, Gláucia C. O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis. *Revista Tempo*, vol. 19, n. 35, p.143-160, Jul. – Dez. 2013, p. 154.

A forma como nos relacionamos com a cultura do *Outro* nos leva ao paradoxo do *universalismo*, que é oposto ao *relativismo*. Segundo Eriksen e Nielsen, o primeiro “(...) identifica aspectos e semelhanças comuns (ou mesmo universais) entre diferentes sociedades (...)”¹²⁸, enquanto o segundo “(...) enfatizaria a singularidade e particularidade de cada sociedade ou cultura”¹²⁹. O pensamento universalista, então, enxerga mais a semelhança do que a diferença em uma sociedade distinta da sua, pois sua própria sociedade é o modelo e a base para a compreensão do *Outro*.

Durante o período de colonização na América hispânica, os missionários procuraram estabelecer um pensamento universal cristão, principalmente com os elementos que dizem respeito ao Gênesis. Por outro lado, os indígenas também buscaram por características da cultura do *Outro* que pudessem ser aproximadas a aspectos de sua religiosidade bem como com outros aspectos de sua cultura. Desta forma, segundo Montoro: “(...) as analogias, então, não deviam ser realizadas somente pelos missionários, mas também pelos indígenas, pois quando ouviam as histórias cristãs nas pregações ou leituras dos catecismos deviam naturalmente fazer conexões com seus conhecimentos da antiga religião”.¹³⁰

Como apontamos nos capítulos anteriores, a relação de contato entre nativos e colonizadores é pensada nessas páginas a partir do conceito de “tradução” trabalhado por Cristina Pompa¹³¹. Em sua obra, a pesquisadora afirma que o esforço de tradução se dá a partir de estratégias, levando em conta o contexto cultural e as diversidades antropológicas, identificando elementos na cultura do *Outro* para se reconhecer em seu próprio mundo, o *Eu*. De acordo com a autora,

(...) os elementos “alheios” foram absorvidos pela cultura indígena porque inseriam-se num preciso contexto significativo, isto é, *faziam sentido*. A criação de um sistema original de representações (uma “cultura híbrida”,

¹²⁸ ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 11.

¹²⁹ ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. Op. Cit., 2007, p. 11.

¹³⁰ MONTORO, Gláucia C. Op. Cit., 2013, p. 160.

¹³¹ POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

diria Vainfas, ou uma “cultura mestiça” diria Gruzinski) foi uma tentativa nativa de refundar o sentido (...).¹³²

O contato entre o indígena e o colonizador trouxe modificações às sociedades indígenas, sobretudo em suas histórias, o que diferencia os documentos pré-colombianos daqueles produzidos durante o período colonial. De acordo com Montoro, essa diferenciação ocorre, principalmente, devido à presença de elementos ocidentais em sua estrutura. Vale ressaltar, no entanto, que essas modificações e a presença de elementos da cultura do *Outro* a partir de um contato prolongado não é uma característica particular do contato sucedido durante o processo de colonização e evangelização, mas é um processo comum em qualquer sociedade quando esta entra em contato com uma cultura distinta da sua.¹³³

O aprendizado do alfabeto latino, uma das modificações ocorridas na sociedade indígena, deu oportunidade aos indígenas para reescreverem suas antigas histórias em uma nova tradição de escrita, produzindo, assim, documentos híbridos, nos quais a cultura do colonizador passa a conviver com a cultura do nativo. O processo de reinterpretação de suas histórias a partir do contato com as histórias bíblicas, por exemplo, fez com que os nativos reinterpretassem sua antiga religião com os elementos daquele novo momento. Os indígenas passaram a adotar elementos ocidentais na estrutura narrativa de suas histórias, estruturando-os, inclusive, com base nas tradições de escrita e produção de livros ocidentais, como apresentamos no capítulo anterior.

De acordo com Beatriz Perrone-Moisés, o que caracteriza o mundo colonial no Novo Mundo são os “processos de transformação cultural”. A pesquisadora nos explica que os espanhóis, a fim de conhecerem melhor o mundo indígena, elaboraram questionários obrigando os nativos a “reformularem sua visão do passado pré-hispânico”¹³⁴. Exigências como essa levaram os indígenas a realizar adaptações em aspectos de suas tradições, abandonando alguns costumes que eram vistos pelos

¹³² POMPA, Maria Cristina. Op. Cit., 2001, p. 7.

¹³³ MONTORO, Gláucia Cristiani. O conceito indígena através dos códices coloniais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: ANPHLAC, 2004, p. 5. Disponível em: < anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/glaucia_cristiani_montoro.pdf >. Acesso em: 16 jun. 2013.

¹³⁴ GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 10.

espanhóis como “errados”, incorporando costumes e termos inseridos pelos espanhóis ou pelas circunstâncias coloniais em suas tradições. No entanto, as antigas tradições, possivelmente, não deixaram de ser praticadas pelos indígenas. Deve ter ocorrido um afastamento devido às perseguições às práticas ancestrais como, por exemplo, os sacrifícios humanos e a adoração aos deuses.¹³⁵

Em suma, a colonização e a evangelização realizadas durante a primeira metade do século XVI na América hispânica trouxeram significativas transformações para as sociedades que ali se encontravam. O contato entre o *Eu* e o *Outro* proporcionou conexões recíprocas: o evangelizador precisava conhecer o “mundo” indígena como parte de seu esforço de evangelização, e relacionava o que enxergava na cultura do *Eu* com a sua cultura, e o indígena passou a reinterpretar seu passado pré-hispânico a partir do contato com a cultura do colonizador.

Desta forma, buscaremos nas próximas páginas analisar o discurso produzido durante o período colonial pelos autores indígenas dos documentos selecionados para esta pesquisa, levando em conta o período no qual foram escritos e os elementos presentes nas narrativas, a fim de evidenciar o que poderia ter motivado essas linhagens a reescreverem sobre seu passado a luz de um novo contexto.

3.2 – Os elementos de legitimação e veracidade nas histórias maias

Como apontamos no primeiro capítulo da dissertação, a região maia era composta por diversos grupos étnicos que viviam entre as Terras Altas e Terras Baixas. Os grupos *k'iche*, *kaqchikel*, *tzutuhiles*, *tzeltales*, *tzotziles*, *pokomames* entre outros foram surpreendidos pela invasão e conquista espanhola em sua região. As comunidades viviam em regiões muito separadas, possuíam costumes diversos e falavam distintas línguas, porém, possuíam aspectos em comum a respeito de sua tradição histórica.¹³⁶

Antes da conquista espanhola, dois grupos étnicos controlavam o poder nas Terras Altas da atual Guatemala. Os grupos *k'iche* e *kaqchikel* tornaram-se rivais durante o período pré-hispânico e este conflito manteve-se até a chegada dos conquistadores. Podemos encontrar a história deste conflito nos documentos produzidos

¹³⁵ GRUZINSKI, Serge. Op. Cit., p. 33-41.

¹³⁶ GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012, p. 9-10.

por ambas as etnias durante o período colonial, sobretudo no documento *Memorial de Sololá*.

De acordo com Federico Navarrete, as classes dirigentes de cada *altépetl* eram as encarregadas de conservar e transmitir as tradições históricas de suas comunidades para as futuras gerações. Essas histórias eram contadas pelos membros das elites indígenas durante o período pré-hispânico e não deixaram de ser transmitidas após a chegada e o estabelecimento dos europeus na região. As histórias dos *altepeme* tomavam parte na definição da identidade de cada um dos grupos nativos, pois garantiam a legitimidade de seus governantes e defendiam seus direitos políticos e territoriais. Durante o período colonial, os descendentes das antigas linhagens governantes permaneceram defendendo seus direitos e territórios, agora diante das autoridades espanholas ou mesmo diretamente com a Coroa.¹³⁷

Iniciaremos nossa análise abordando os autores dos documentos aqui estudados. O manuscrito conhecido como *Memorial de Sololá* (do grupo étnico *kaqchikel*) é assinado por dois indígenas que se identificam ao longo do documento como descendentes da linhagem *Xahilá*: Francisco Hernández Arana e Francisco Díaz. O primeiro escreve a história desde a apresentação dos mitos cosmogônicos até o ano de 1581; já o segundo continua a narrativa a partir de 1582. Podemos notar os nomes dos autores em duas passagens do manuscrito: “*Nació Catalina, hija de Pedro Ramírez y mi hija ante Dios [ahijada], yo Francisco Hernández Arana, en el mes de diciembre del año de 1581*”¹³⁸; “*Yo, el viejo Francisco Díaz, mayordomo, me hice cargo de mi empleo*”¹³⁹. Já o *El Título de Totonicapán* (do grupo étnico *k’iche*) é escrito pela comunidade Cawekib, pelos descendentes de Balam Q’uitsé. Ao fim do documento, podemos notar que alguns descendentes assinam a história narrada: “*Éstas son las firmas de nosotros, los primeros q’uichés: Cawekib, Nijayib, Ajaw, Q’uiché, Ajtojil, Ajk’ucumats, Chituy, Quejnay*”¹⁴⁰.

Os documentos analisados nos relatam a história dos grupos desde a cosmogonia até a fixação definitiva no *altépetl* correspondente. O *Memorial de Sololá* vai um pouco além da fundação de seu território, narrando também a chegada dos espanhóis e as

¹³⁷ LINARES, Federico Navarrete. *Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM - Instituto de Investigaciones Históricas, 2011, p. 11-17.

¹³⁸ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 158.

¹³⁹ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., 1948, p. 163.

¹⁴⁰ EL TÍTULO de Totonicapán. Mexico; UNAM, 1983, p. 201.

transformações que o contato trouxe para a sua comunidade. É interessante observarmos que os conteúdos dos documentos analisados na presente pesquisa diferem do *Popol Vuh* (também um documento *k'iche*), que dedica pouco espaço para a história étnica do grupo. De acordo com a divisão de Gordon Brotherston¹⁴¹, na edição brasileira do *Popol Vuh*, a história das primeiras linhagens vai ser mencionada na última parte do documento, denominada *Quarto Canto*. Nas outras fontes, a cosmogonia é narrada em algumas páginas ou em poucas linhas.

Tanto o *Totonicapán* quanto o *Memorial de Sololá* apresentam os nomes dos seus principais ancestrais. A importância desses antepassados para as histórias, tanto dos *k'iche* quanto dos *kaqchikel*, está relacionada ao fato deles serem descritos como os fundadores das tradições históricas indígenas e os responsáveis por mantê-las vivas, transmitindo-as às futuras gerações. A presença dos ancestrais também reforçaria a veracidade dos conteúdos narrados, porque foram eles que participaram dos principais acontecimentos da história da comunidade, e sabiam interpretar os livros da tradição de sua comunidade através da oralidade.¹⁴²

A presença dos ancestrais pode ser observada na citação abaixo, presente na primeira parte do *Memorial de Sololá*:

*Escribiré las historias de nuestros primeros padres y abuelos que se llamaban Gagavitiz el uno y Zactecauh el otro; las historias que ellos nos contaban: que del otro lado del mar llegamos al lugar llamado Tulán, donde fuimos engendrados y dados a luz por nuestras madres y nuestros padres ¡oh hijos nuestros! Así contaban antiguamente los padres y abuelos que se llamaban Gagaviz y Zactecauh, los que llegaron a Tulán, los dos varones que nos engendraron a nosotros los Xahilá.*¹⁴³

No *El Título de Totonicapán* também observamos o destaque aos ancestrais. Estes foram os primeiros homens e fundadores das primeiras linhagens que teriam habitado a terra:

¹⁴¹ BRONTHERSTON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio (org.). *Popol Vuh*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

¹⁴² NAVARRETE L., F. *Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 60.

¹⁴³ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 47.

*Ahora (daremos) los nombres de la primera gente, los primeros q'uichés; eran cuatro personas: el primer señor es Balam Q'uitsé, nuestro abuelo y padre de los Cawekib; el segundo señor fue Balam Ak'ab, el abuelo y padre de los Nijayib; el tercer señor fue Majucotaj, el abuelo y padre de los Ajaw Q'uichés; y el cuarto señor fue Iquí Balam. Eran los primeros q'uichés.*¹⁴⁴

Dos ancestrais presentes nas fontes há sempre um que ganha destaque nas narrações. Não por acaso, os autores de ambos os documentos se definem como seus herdeiros. Esse personagem normalmente é identificado como aquele que dá origem à linhagem que elabora o documento, cujo poder foi recebido em Tula, o que lhe confere legitimidade frente à sua própria comunidade e às comunidades vizinhas. Federico Navarrete explica que: “(...) *la tradición es definida como una herencia que pasa de generación en generación y que vincula a los antepasados, con la generación actual, que son sus transmisores, y también con las generaciones futuras, los hijos y los nietos.*”¹⁴⁵

No *Memorial*, a linhagem que detém o poder de transmissão da tradição é a linhagem governante dos *Xahilá*, descendentes de *Gagavitz* e *Zactecauh*. Já no *Totonicapán*, a linhagem governante que se encontra no poder são os descendentes de Balam Q'uitsé, um poderoso governante para o grupo étnico *k'iche*. Sendo assim, os responsáveis pela transmissão da tradição que elaboraram esses manuscritos durante o período colonial foram Francisco Hernández e seu irmão Francisco Díaz. Portanto, a prática de transmitir seu antigo passado para a geração seguinte ainda permaneceu durante o período de reescrita desses documentos.

A autora Carla de Jesus Carbone aponta que, durante o período pré-colombiano, o governante justificava seu poder perante a sua comunidade e os grupos étnicos vizinhos por meio de seu passado pré-hispânico. Ademais, os membros nativos do *altépetl* e a legitimidade do governante era confirmada também pela tradição histórica pré-colombiana e por sua passagem ou origem relacionada a uma cidade:

¹⁴⁴ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 175.

¹⁴⁵ NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000, p. 6.

(...) as histórias das migrações nahuas, desde a saída de um local primordial até a fundação de seu *altepetl* – como México-Tenochtitlan –, representariam a conformação da unidade relativa de suas partes constitutivas e teriam um papel fundamental na legitimidade do *tlatoani*, ou *governante*, e na posse do novo território (...) ¹⁴⁶

Notamos, assim, que os governantes dos *Xahilá* e de *Balam Q'uitsé* deram continuidade a esta prática pré-hispânica, justificando seu poder por meio de sua tradição histórica, tanto quando mencionam seus ancestrais fundadores, assim como pela passagem do grupo por uma cidade, que em nossas fontes é Tula.. A passagem por esta mítica cidade marcaria, dessa forma, o início das migrações dos grupos maias supracitados.

Embora tenha como objeto de seu estudo a cultura nahua, a observação de Carla de Jesus Carbone a respeito das migrações e conformação da legitimidade do governante também se enquadra em nossa análise, pois ambas as fontes buscaram legitimar seu governo e seus territórios para o governo espanhol, para as próprias comunidades e para as comunidades vizinhas usando mecanismos pré-hispânicos. O uso de determinados símbolos para a obtenção da legitimidade do governante e de seu *altépetl* já era uma prática realizada durante o período pré-hispânico ¹⁴⁷. Nos documentos aqui estudados, esta prática permaneceu sendo defendida durante o período colonial pelas elites governantes.

Tendo em vista as reflexões apresentadas por Carla Carbone em relação aos nahuas, percebemos uma semelhança entre a simbologia associada a *Chicomoztoc*, que aparece nas tradições históricas do Vale do México, com a Tula da área maia, presente tanto no *Memorial de Sololá* quanto no *Totonicapán*, assim como em outros documentos, como o *Popol Vuh* ¹⁴⁸. Nesse sentido, acreditamos que Tula cumpra uma

¹⁴⁶ CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 16-17.

¹⁴⁷ Segundo Carbone, diversos grupos da região da Mesoamérica (nahuas, mixtecos ou maias) tinham algo em comum em suas tradições pré-hispânicas. As tradições históricas desses grupos mencionam um lugar de origem ou de passagem que se tornou importante para a história do grupo étnico; esse lugar seria *Chicomoztoc* para os grupos do México Central. *Ibidem*, p. 28.

¹⁴⁸ O *Popol Vuh* também é um documento das Terras Altas da Guatemala e pertence, assim como o *Totonicapán*, ao grupo étnico *k'iche*. A cidade de Tula também aparece neste documento como sendo a

função análoga a *Chicomoztoc*, pois nos três documentos das Terras Altas da Guatemala Tula é descrita como um local de passagem e confirmação do poder dos ancestrais dos grupos tratados nos documentos.

A citação que se segue nos mostra que os fundadores dos grupos *k'iche* e *kaqchikel* tiveram passagem por Tula:

(...) *Así, pues, éramos cuatro familias las que llegamos a Túlán, nosotros la gente **cakchiquel**, ¡oh hijos nuestros!, dijeron.*

*Allí comenzaron los **Caveki**, que engendraron a los llamados Totomay y Xurcah.*

Allí comenzaron también los Ahquehay que engendraron a Loch y Xet.

Comenzaron igualmente los Ah Pak y Telom, que engendraron a los llamados Qobakil.

De la misma manera dieron principio también allí los Ikomagi (...) ¹⁴⁹(grifo nosso).

A citação acima foi retirada do *Memorial de Sololá*. Nela, podemos identificar que algumas tribos passaram pela cidade de Tula ou Tulan. Dentre os grupos citados, podemos identificar os *kaqchikel* e o grupo *Caveki*, identificado como a linhagem governante dos *k'iche*.

Após a saída de Tula, os *k'iche* e *kaqchikel* iniciam suas migrações. Os *kaqchikel* dominaram alguns territórios, enfrentaram conflitos com outros grupos, se assentando em locais onde ficariam por algum tempo e depois os abandonavam. O objetivo da comunidade *kaqchikel* era encontrar sua capital, onde se assentariam definitivamente. Com a migração, as parciaisidades se dispersaram e cada uma encontrou o seu caminho.

cidade de saída de diversas tribos. Saindo de Tula as tribos se dividem e cada uma segue o seu caminho: "(...) E então a língua das Tribos mudou. Sua palavra se tornou diferente. Não mais claramente podiam se compreender entre si Quando vieram a Tula E lá elas se separaram. Houve os que foram para o oriente E muitos que vieram para cá (...)". POPOL VUH. São Paulo: Iluminuras, 2011, p 291.

¹⁴⁹ MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Op. Cit., p. 48.

En seguida nos dispersamos por las montañas; entonces nos fuimos todos, cada tribu tomó su camino, cada familia siguió el suyo. Luego regresaron al lugar de Valval Xucxuc, pasaron al lugar de Memehuyú y Tacnahuyú, así llamados. Llegaron también a Zakiteuh y Zakikuvá, así llamados. Se fueron a Meahauh y Cutamchah y de allí regresaron a los lugares llamados Zakijuyú y Tepacumán. Luego fueron a ver sus montes y sus valles; llegaron al monte Togohil donde le alumbró la aurora a la nación quiché.¹⁵⁰

No *Totonicapán*, após a abertura do mar por *Balam Q'uitsé*, os *k'iche* atravessaram e deu-se início à migração por parte dos líderes do grupo étnico *k'iche*.

Llegaron aquí a la orilla de un lago pequeños, en Nimsoy, Carchaj. Allí construyeron edificios. Había en este lugar pájaros rojos y azules, patos negros, papagayos amarillos y verdes, plumas amarillas, pájaros amarillos. Pero no se hallaron en este lugar y lo dejaron abandonado. Después trajeron las raíces de árboles y bejucos y llegaron a Chixpach. Dejaron una señal en Jaayín Abaj. Entonces vinieron de allá, y llegaron a la cima de un gran cerro llamado Chiq'uiché, donde tardaron (por algún tiempo) Posteriormente, dejaron el cerro Chiq'uiché, y llegaron a la cima de cerro llamado Jak'awits Ch'ipak', donde todos se establecieron. También allí permanecieron los sacrificadores, Balam Q'uitsé, Balam Ak'ab, Majucotaj e Iquí Balam. Se acompañaban uno a otros, junto con los de Tamub e Ilocab, con las trece parcialidades de Tecpán.¹⁵¹

As migrações foram importantes, não apenas pela conquista de territórios por parte dos ancestrais fundadores das comunidades *k'iche* e *kaqchikel*, mas também devido às alianças políticas realizadas. No *Totonicapán*, o descendente do ancestral fundador tem o desejo de estabelecer aliança com a linhagem do senhor Malaj, um grupo vizinho ao seu. O governante K'ucumats C'otujá, descendente de Balam Q'uitsé, ofereceu títulos e condecorou a comunidade de Malah, pois este se tornou seu aliado ao casar sua filha com o governante dos *k'iche*.¹⁵² Este casamento foi ordenado pelo deus

¹⁵⁰ MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Op. Cit., p. 63.

¹⁵¹ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 176.

¹⁵² EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 192-193..

supremo Nacxit (nome em língua *k'iche*), conhecido por Quetzalcoatl¹⁵³ em língua *nahuatl*. Então, as instruções seguidas pelo governante C'otujá foram ordenadas por este importante deus para as comunidades mesoamericanas e citado em diversas histórias indígenas.

*Entonces dijo el señor de Malaj: “Qué quiere K'ucumats, según oyeron usted?” “Él sólo quiere casarse”, dijo el mensajero. “Pues, ya oí las palabras de K'ucumats C'otujá, dijo el señor de Malaj. ‘Entonces voy a enviar el chocolate batido y la mezcla de yerbas y pepitoria como una señal de mis palabras Traigan a la muchacha, que venga el que va a recibirla”, dijo Malaj.*¹⁵⁴

O interesse por detrás do casamento realizado entre o governante *k'iche* e a filha de um grupo vizinho estava relacionado, possivelmente, a questões políticas e territoriais. Na citação acima, o governante *C'otujá* tem interesse em casar-se com a filha do senhor Malaj, pois tal aliança daria mais prestígio aos *k'iche*, uma vez que estariam relacionados à etnia do senhor Malaj. Na página 194 da edição de Carmack do *Totonicapán*, um dos filhos de *C'otujá* com a filha do governante *Malaj* foi *Tepepul C'awisimaj*, que mais à frente assumiria o lugar de seu pai, se tornando um poderoso governante para a linhagem *k'iche*.¹⁵⁵

O casamento entre o governante *C'otujá* e a filha de *Malaj* ocorreu durante a migração do grupo *k'iche* e tanto o casamento quanto a migração foram orientados pelo deus supremo Nacxit. Em ambos os documentos (*Memorial de Sololá* e *Totonicapán*), as orientações até a fixação da comunidade em sua capital definitiva foram estabelecidas com instruções superiores. Os *k'iche* foram orientados por Nacxit até a fundação de sua capital, já a comunidade *kaqchikel* foi orientada pelo governante Qikab. Logo após um conflito com os *k'iche*, seu grupo vizinho, e até então aliado, Qikab ordena que seu povo se encaminhe até a capital Yximché. Isto leva o grupo a

¹⁵³ Quetzalcóatl foi um importante deus, fundador e tlatoani da lendária cidade de Tula. FLORESCANO, Enrique. *Quetzalcóatl y los mitos fundadores de Mesoamérica*. México: Taurus Historia, 2012.

¹⁵⁴ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 192.

¹⁵⁵ Este tipo de aliança matrimonial também é encontrado na sociedade mexicana. SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. *El sistema de dominación azteca: el império tepaneca*. 2005. 642f. Tese (Doutorado de Antropología de América) – Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005, p. 85-88.

abandonar sua antiga cidade, Chiavar, fugindo dos *k'iche*, e se deslocando em direção a Yximchéé, que passaria a se tornar a capital *kaqchikel*:

*(...) Mañana dejaréis de ejercer aquí el mando y poder que hemos compartido con vosotros. Abandonad la ciudad a estos rebeldes sucios y cochinos. Que no oigan más vuestras palabras, hijos míos. Id a vivir al lugar de Yximchéé sobre el Ratzamut. Ahí será vuestra capital. Construid allí vuestras casas donde vayan a fortificarse todas las tribus. Abandonad a Chiavar. Y en cuanto a vosotros, plebeyos, que mi maldición os acompañe en vuestro triunfo.” Así dijo el rey Qikab ante nuestros abuelos. Luego se despidieron los Señores. Y así recibieron nuestros abuelos las órdenes del rey. Y los quichés no los atacaron.*¹⁵⁶

Para os *k'iche*, a migração realizada até a fundação de sua capital teria sido orientada pelo deus Nacxit, divindade fundadora de Tula. Este deus foi de suma importância para os *k'iche*, pois toda a sua trajetória de migração teria sido orientada a partir de seus conselhos, que teriam sido buscados pessoalmente a mando do então governante do grupo étnico *k'iche*:

*Vivieron muchos ciclos de veinte años allá en Jak'awits, donde fue creada la idea del señorío acerca de la conquista de las parcialidades por Balam Q'uitsé. Entonces dijeron: “Que vayan nuestros mensajeros allí por donde sale el sol. Delante del señor Nacxit, para que no nos conquisten, no nos exterminen, no nos destruyan las parcialidades de guerreros: que no disminuyan nuestro poder, nuestra descendencia, nuestro nombre y nuestra presencia”, así dijeron. Y mandaran a los dos hijos de Balam Q'uitsé llamados C'ocaib y C'ok'awib. Entonces se fueron a donde sale el sol. Se fueron a recibir el señor a donde sale el sol”.*¹⁵⁷

De acordo com Federico Navarrete, era comum que a tradição histórica indígena de cada *altépetl* tivesse um deus que lhes acompanhasse desde sua saída da cidade de origem até a fixação em sua capital definitiva, visível, por exemplo, no mito mexica de

¹⁵⁶ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 101.

¹⁵⁷ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 181.

fundação da cidade de México-Tenochtitlan que associa esses eventos à ação de Huitzilopochtli. O historiador mexicano nos explica que:

(...) Las historias de cada altépetl contaban que la deidad tutelar había acompañado al pueblo desde su remoto lugar de origen y a todo lo largo de su migración hasta el territorio donde ella misma había decidido que habrían de establecerse y fundar su entidad política. Ahí había protagonizado los milagros de fundación y así había consagrado el espacio humano, natural y sagrado del altépetl. Posteriormente el dios patrono había continuado jugando un papel clave en la vida de la entidad política, dando órdenes a sus gobernantes y fuerza militar a sus ejércitos, garantizando la fertilidad de sus cosechas y la continuidad de las lluvias, a cambio de las ofrendas y sacrificios que le hacía su pueblo. (...).¹⁵⁸

Durante as migrações dos grupos, a relação que eles estabelecem com as comunidades vizinhas também é um ponto importante a ser analisado sobre sua percepção a respeito do passado. Tal questão é salientada por Federico Navarrete em sua obra *Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*¹⁵⁹. Nela, o autor nos traz uma análise das migrações realizadas pelos povos da região central do México e suas tradições históricas, que passam a existir a partir de ancestrais fundadores. Navarrete pontua a importância das relações com grupos vizinhos para a construção da história da comunidade e de sua identidade. Esta relação também era importante para defender sua entidade política perante à própria comunidade e aos demais grupos. Sendo assim, é importante que analisemos a relação que esses dois grupos (*k'iche* e *kaqchikel*) tinham um com o outro.

3.3 – As elites indígenas e a participação do *Outro* em suas narrativas históricas

A relação dos grupos estudados nesta pesquisa é evidenciada em ambas as histórias, porém, a importância que o grupo *k'iche* tem para a história do grupo *kaqchikel* é muito mais clara do que a presença do grupo *kaqchikel* na história *k'iche*.

¹⁵⁸ LINARES, Federico Navarrete. Op. Cit., 2011, p. 27.

¹⁵⁹ LINARES, Federico Navarrete. Op. Cit., 2011.

Para compreendermos melhor esse aspecto acreditamos ser necessário voltarmos nosso olhar para o período colonial, na chegada dos espanhóis à região da Guatemala, em 1524.

Encontramos no conteúdo histórico do *Memorial de Sololá* a relação desta comunidade *kaqchikel* com os *k'iche*, grupo vizinho das Terras Altas da Guatemala. No documento *kaqchikel*, percebemos que eles teriam permanecido unidos aos *k'iche* após a saída de Tula. Esta união teria sido desfeita apenas durante o período de migração, motivada por interesses territoriais. Muitos anos depois, os *kaqchikel* se aliariam aos conquistadores espanhóis para derrotarem os *k'iche*, que continuavam avançando pelos territórios da Guatemala e eram o grupo que detinha maior poder político na região.¹⁶⁰

É importante retomarmos a representação de Tula com a mesma simbologia de *Chicomoztoc*, uma vez que ambas cumprem o papel de local de passagem ou de origem, mas também de transformação. A menção deste local está sempre na parte de origem de um determinado grupo mesoamericano e, segundo Navarrete, *Chicomoztoc* significa uma pluralidade de diversos grupos humanos, *altépetl* e linhagens, criando assim uma identidade comum entre os grupos.¹⁶¹

O documento *k'iche* descreve que eles foram a primeira parcialidade a chegar em Tula, e neste local teriam recebido um emblema de poder, o *Pisom C'ac'al*, uma espécie de objeto glorioso recebido do senhor *Nacxit*.¹⁶² Posteriormente este mesmo objeto seria usado por *Balam Q'uitsé* para golpear o mar e ele secar para que a parcialidade *k'iche* e as outras 13 parcialidades pudessem passar dando início à migração dos grupos étnicos maias na Guatemala:

“Cuando llegaron a la orilla del mar, Balam Q'uitsé tomó su bastón y golpeó el mar. Inmediatamente el mar se secó, y se convirtió en arena lisa, Así, los tres grupos de los primeros q'uichés, junto con los trece grupos de parcialidades de Tecpán que seguían tras ellos”¹⁶³

¹⁶⁰ BRICKER, Victoria Reifler. *El cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 69.

¹⁶¹ NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000, p. 123-124.

¹⁶² EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 175.

¹⁶³ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 176.

Este evento da migração foi encabeçado pelos *k'iche's* uma vez que os ancestrais deste grupo étnico teriam sido os primeiros a chegar em Tula e terem seu poder legitimado pelo deus *Nacxit*. Dentro desta perspectiva, todas as demais parcialidades foram submetidas ao poder dos *k'iche*, que teriam se consagrado como os dominadores de todos os grupos.

A última parcialidade a chegar em Tula teria sido a dos *kaqchikel's*, e estes não teriam concordado com toda a promessa de prestígio dos *k'iche's*, sobretudo por toda a riqueza que iriam conquistar. Numa passagem do *Memorial de Sololá*, este grupo étnico não omite de sua história que foram os *k'iche's* que chegaram primeiro a Tula, porém relatam que eles também receberam seus emblemas de poder e a promessa de que conquistariam riqueza e tributos.

*Los primeros que llegaron fueron los quichés. Entonces se fijó el mes de Tacaxepeual para el pago del tributo de los quichés; después llegaron sus compañeros, uno en pos de otro, las casas, las familias, las parcialidades, cada grupo de guerreros, cuando llegaron a Tulán, cuando acabaron de llegar todos ellos.*¹⁶⁴

A passagem a seguir relata os emblemas de poder que receberam os *kaqchikel* em sua cerimônia em Tula:

*“En verdad, grandes serán vuestros tributos. No os durmáis y venceréis, no seréis despreciados, hijos míos. Os engrandeceréis, seréis poderosos. Así poseeréis y serán vuestros los escudos, las riquezas, las flechas, y las rodelas.”*¹⁶⁵

Podemos verificar através da passagem acima que o poder e a glória teriam sido prometidos a este grupo étnico. Segundo Federico Navarrete, este tipo de cerimônia e

¹⁶⁴ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 54.

¹⁶⁵ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948, p. 56.

elementos políticos recebidos são elementos da identidade *chichimeca*, que “*sirve para establecer la supremacía del pueblo principal sobre sus pueblos hermanos*”.¹⁶⁶

Analisando estas passagens, podemos concluir que esta narrativa é importante para a construção da história e da identidade dos dois grupos, pois ambos reivindicam seu poderio dominante sobre os demais grupos maias da Guatemala, poder este que seria conferido e legitimado em Tula. Nota-se também que em nenhum momento o grupo étnico *kaqchikel* nega que seu grupo rival teria chegado primeiro em Tula, o que ele reivindica em sua narrativa é o seu poderio como parcialidade dominante perante os demais grupos étnicos, uma vez que eles possuem a identidade *chichimeca* conquistadora. Além disso, os *kaqchikel* buscavam sua independência, uma vez que eles estavam submetidos como aliados secundários dos *k'iche*. Nota-se que ambos os grupos fazem uso em suas histórias de elementos legitimadores dentro de um contexto político de sua região para legitimar a origem de seu poder.

O conflito entre essas duas etnias teria surgido durante o período de migração destes grupos, após o governante Qikab (um governante *k'iche*) ter sido ameaçado por seus próprios filhos e sua comunidade, pois não queriam pagar tributos a ele. Qikab teria permanecido ao lado dos *kaqchikel*, se tornando um importante governante na migração deste grupo e o responsável pela fundação da capital Yximché. Antes e até mesmo depois da fundação da capital *kaqchikel*, os *k'iche* e a comunidade de Sololá se enfrentaram em outros conflitos e, pela narração da história presente no *Memorial*, os *k'iche* não obtiveram bons resultados, sendo derrotados nas diversas tentativas de conflito com eles.

O *Memorial de Sololá* cita uma grande revolução em Yximché, capital *kaqchikel* fundada por Qikab. O ano não sabemos ao certo, mas, provavelmente, de acordo com o período relatado pelo autor, esta revolução teria ocorrido em 1493.¹⁶⁷

En seguida hicieron pedazos a los tukuchés. Pronto fueron derrotados; ya no peleaban y se echaron a huir. Los soldados fueron aniquilados, y dieron muerte a las mujeres y a los niños. Murió el rey Cay

¹⁶⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000, p. 135-136.

¹⁶⁷ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 113.

*Hunahpú, murieron los jefes Tzirín Iyú y Toxqom Noh y todos los padres e hijos de los Señores... Así fué antiguamente la destrucción de los tukuchées joh hijos míos! La llevaron a cabo nuestros abuelos Oxlahuh Tzú y Cablahuh Tihax. El día 11 Ah fue la dispersión de los tukuchées.*¹⁶⁸

A capital Yximchéé era gobernada por três senhores, *Tzotzil*, *Xahil* (a linhagem que escreve o documento do Memorial), *Tukuchées* e *Acajal*, é importante salientar que, nessas sociedades, cada capital era governada por um senhor, ou seja, o poder não era centralizado na Guatemala. A revolução foi de suma importância para o poderio e fortalecimento do grupo *kaqchikel* na sua capital. O grupo *tukuchée* tentou tomar o poder da cidade por algumas vezes, mas não obteve sucesso. O conflito começou quando a linhagem dos *Xahil* não entregou para sacrificio os *Acajal*.

A partir desta “revolução”, na qual os *tukuchée* (também *kaqchikel*) foram derrotados pela linhagem dos *Xahil*, tal fato tornou-se importante para a história desta linhagem *kaqchikel*. A importância desse evento é evidente ao longo do documento, pois é possível perceber a anotação de cada ano de aniversário deste evento.¹⁶⁹ Vale salientar que apenas os eventos mais relevantes são destacados pelos autores que iniciam o documento. Após a página 154 da mencionada edição, quando a estrutura do documento se modifica, aproximando-se mais claramente dos anais europeus, os novos autores começam a incluir eventos a cada ano, mesmo que não sejam necessariamente importantes. Abaixo, segue uma citação na qual consta o aniversário da “revolução”, seguido de um evento:

El día 7 Ah [20 de octubre de 1532] se cumplió el 36° año después de la revolución. Diecisiete meses después de la muerte de Belehé Qat los Señores tuvieron que reconocer como rey a Don Jorge, el padre de Don Juan Xuárez. El día 4 Ah [24 de noviembre de 1533] se cumplió el 37° año de la revolución. Durante este año se retiró el rey Cahí Ymox, Ahpozotzil, y se fue a vivir a la ciudad. Le vino al rey el deseo de separarse porque se impuso a

¹⁶⁸ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 113.

¹⁶⁹ MEMORIAL de Sololá/ Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

*los Señores el tributo lo mismo que a todo el mundo y, en consecuencia, tenía que pagarlo el rey.*¹⁷⁰

No documento *k'iche*, *El Título de Totonicapán*, también encontramos referências ao conflito entre os *k'iche* e os *kaqchikel*. Os chefes da comunidade *kaqchikel*, *Ahpozotzil* e *Axpoxahil*, eram inimigos dos governantes *Q'uikab* e *C'awisimaj*, e foram acusados pela morte do ex-governante *k'iche* *C'otujá*, mas a morte do antigo governante não é relatada nesse documento; isto foi notado pela passagem de anos descrita no *Totonicapán*.¹⁷¹

*Dos años después de la muerte de C'otujá, Q'uikab t C'awisimaj hicieron una gran guerra. Capturaron y esclavizaron a todos los señores de las parcialidades llamadas C'ojayil y Uxajayil. Trece de sus señores fueron tomados prisioneros y vinieron como esclavos juntos con sus vasallos. Llegaron al Q'uiché, donde los sacrificaron y agujerearon. Los exterminaron aquí; no solo fue enfermedad lo que les dio. Sino que sus huesos y cabezas fueron quebrantados por Q'uikab y C'awisimaj. Fueron maledados como una venganza por el señor C'otujá. Así Q'uikab había nacido como un "quemador del interior del cielo y de la tierra", así dijo C'otujá.*¹⁷²

Notamos que o grupo *kaqchikel* é mencionado apenas neste evento da história *k'iche*. Os governantes *kaqchikel*, *Ahpozotzil* e *Axpoxahil*, considerados tiranos, foram os principais alvos de aniquilamento, além de outras parcialidades do grupo étnico *kaqchikel* que são mencionados no texto como, por exemplo, os *Bac'ajolab* e *K'ekac'uch*.¹⁷³ De acordo com Navarrete:

Las tradiciones históricas mesoamericanas eran siempre propiedad de un grupo humano específico, generalmente un linaje, que las preservaba y modificaba a lo largo de las generaciones. Las tradiciones eran de importancia fundamental para esos grupos, pues servían para definir su

¹⁷⁰ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p. 134.

¹⁷¹ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 195.

¹⁷² EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 195.

¹⁷³ EL TÍTULO de Totonicapan. Mexico; UNAM, 1983, p. 196.

*identidad y establecer y defender su posición en el complejo mosaico político y cultural de sus sociedades.*¹⁷⁴

Seguindo a mesma linha de Federico Navarrete, Caroline Kraus Luvizotto nos diz que a etnicidade é feita de relações, sendo assim, ela está sempre em construção, e é construída a partir do contexto pelo qual se dá essas relações e com base também em conflitos intergrupais. Segundo a autora, a identidade étnica de um grupo “se constrói no jogo de confrontos, oposições, resistências, como também, e sobretudo, no jogo da dominação e submissão”.¹⁷⁵ Desta forma, um grupo não permanecerá com os mesmos aspectos culturais, pois fatores internos ou externos do contexto no qual estão inseridos contribuirá para determinadas mudanças. A autora também salienta que um traço característico da etnicidade é uma origem em comum entre os grupos. Nas fontes analisadas nas páginas anteriores, podemos citar o exemplo de Tula, pois foi um lugar de passagem ou de origem entre os grupos étnicos da Mesoamérica, traçando assim uma característica em comum entre os povos mesoamericanos.

As relações interétnicas, segundo Federico Navarrete, são sempre “*relaciones sociales de poder, es decir que son relaciones de dominación política, de control social y de explotación económica*”¹⁷⁶, ou seja, são sempre relações políticas, econômicas e sociais. Essas relações podem ser usadas como instrumento de defesa de grupos subordinados, como podemos citar o exemplo do período colonial, onde os indígenas estavam submetidos ao poder espanhol durante a conquista, porém souberam fazer uso desta relação, mesmo que fosse uma relação de exploração do trabalho indígena. As linhagens governantes souberam aproveitar essa subordinação para defender sua identidade, sua propriedade sobre suas terras e, sobretudo, sua continuidade como grupos étnicos autônomos.¹⁷⁷

A produção desses documentos, não apenas os da região da área maia, mas de outros grupos mesoamericanos como os mexicas e os tlaxcaltecas, estava ligada a

¹⁷⁴ NAVARRETE LINARES, Federico. *Los libros quemados y los nuevos libros: paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998, p. 59.

¹⁷⁵ LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Etnicidade e Identidade étnica*. In: *Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul* (online). São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 32.

¹⁷⁶ NAVARRETE LINARES, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004, p. 31.

¹⁷⁷ NAVARRETE LINARES, Federico. *Las relaciones interétnicas en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004, p. 32-33.

fatores hierárquicos e alianças políticas entre os grupos envolvidos. De acordo com Eduardo Natalino dos Santos,

“(...) cada sociedade ou região cultural emprega suas próprias concepções para definir, selecionar e construir os episódios e personagens que compõem seus relatos explicativos”. Mas, ainda que a tradição histórica estivesse vinculada ao seu grupo étnico e local de origem, os conteúdos apresentados por esses grupos não necessariamente tratavam apenas da história de sua comunidade, pois a relação externa com outros grupos era importante para a construção do conteúdo histórico.¹⁷⁸

A chegada dos conquistadores espanhóis foi uma oportunidade encontrada pela comunidade de Sololá para derrotar seu grupo rival. Rivalidade esta que remontava a um período anterior à própria fundação da capital *kaqchikel*. Esta aliança foi oportuna para ambas as partes (espanhóis e *kaqchikel*), pois derrotar os *k'iche* era uma forma de acabar com seu domínio na região, uma vez que o controle de grande parte do território que hoje pertence à Guatemala estava dividido entre *k'iche* e *kaqchikel*. Os outros grupos da região eram aliados de um ou outro grupo.¹⁷⁹

Durante o período pós-clássico, as principais cidades da região seguiram cobrando tributos das cidades menores. A cobrança de tributo fazia parte da história maia desde a sua migração mítica e era uma forma também de demonstrar o poder político dos governantes e suas linhagens sobre as comunidades menos poderosas. Quando os espanhóis chegaram à Guatemala, os *k'iche's* eram a principal força política da região, governando, administrando e controlando desde sua capital Uatlán. No entanto, a chegada da expedição liderada por Pedro de Alvarado mudou as relações de poder dos *k'iche's*, resultando em um período colonial marcado por muitos conflitos e resistência.

Devido às relações políticas que os grupos mantinham com outros grupos étnicos, até mesmo com os astecas do México, como podemos notar na citação que segue abaixo do documento do *Memorial de Sololá*, foi possível a Alvarado e a outros

¹⁷⁸ SANTOS, Eduardo Natalino dos. Op. Cit., 2009, p. 46.

¹⁷⁹ BRICKER, Victoria Reifler. Op. Cit., p. 66.

espanhóis seguirem as rotas indígenas até a cidade da Guatemala e conquistar as comunidades que ali viviam.

En seguida entró a gobernar el rey llamado Lahuh Noh, hijo primogénito de Cablahuh Tihax. Por este tiempo los reyes Hunyg y Lahuh Noh recibieron a los yaquis de Culuacán. El día I Toh [4 de Julio de 1510] llegaron los yaquis, mensajeros del rey Modeczumatzin, rey de Mexico¹⁸⁰

De acordo com Eduardo Natalino dos Santos, o principal objetivo dos espanhóis era conquistar os maias *k'iche's*, além de ser o grupo com mais poder político na região também eram aliados dos astecas, e o principal tributador da região naquele momento. O principal aliado de Alvarado nesta expedição, como já mencionamos anteriormente, foi os *kaqchikel's*, que estavam subordinados aos *k'iche's*. A derrota dos *k'iche's* foi rápida e se deu em sua capital Utatlán.¹⁸¹

A aliança entre *kaqchikel* e Alvarado não durou muito tempo, e a capital dos *kaqchikel's* logo foi queimada a mando do conquistador, pois o grupo supracitado teria se rebelado contra os espanhóis. Porém, de acordo com Eduardo Natalino dos Santos, este grupo étnico não foi totalmente vencido, tendo em vista que realizaram migrações para regiões próximas, onde ficaram e resistiram ao poder e domínio político dos espanhóis durante anos.

Por fim, podemos observar que a produção desses textos maias serviu de instrumento para reconhecer seus territórios, não somente junto às autoridades espanholas, mas também aos seus grupos étnicos vizinhos e às suas próprias comunidades, que são mencionados em suas narrativas a fim de legitimar seu poder político frente a eles e a outras linhagens. Como pontua Eduardo Natalino dos Santos, “contar a própria história era um modo ou tentativa de pleitear o controle de certo território e a legitimidade das autoridades indígenas frente às autoridades espanholas.”¹⁸²

¹⁸⁰ MEMORIAL de Sololá/Anales de los Cakchiqueles. Op. Cit., p.117.

¹⁸¹ SANTOS. Eduardo Natalino dos. *Histórias e cosmologia indígenas no Popol Vuh*, livro maia-quiché. Revista USP, São Paulo, nº 125, p. 109-124, abril/maio/junho 2020., p. 114.

¹⁸² SANTOS. Eduardo Natalino dos. *Histórias e cosmologia indígenas no Popol Vuh*, livro maia-quiché. Revista USP, São Paulo, nº 125, p. 109-124, abril/maio/junho 2020. p. 115.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões expostas nas páginas anteriores, podemos concluir que os indígenas seguiram reescrevendo suas histórias e as legitimando com elementos da sua tradição histórica indígena mesmo após décadas de controle espanhol sobre suas regiões. Os elementos tanto indígenas quanto espanhóis passaram a conviver, criando assim documentos híbridos durante o período colonial. O contato com as sagradas escrituras, sobretudo a parte do Gênesis, fez com que os indígenas reestruturassem sua forma de narrar a história, pois foi possível perceber que os documentos produzidos na área maia sempre inseriam em suas narrativas a parte de origem, mesmo que em poucas linhas.

Essa nova forma de contar os relatos e história dos antepassados, de juntar o mito de origem à história étnica do grupo, pode ter vindo do contato que os indígenas maias tiveram com a *Theologia Indorum*, pois o documento do *Totonicapan*, por exemplo, segue a mesma lógica interna do conteúdo deste documento apresentado aos indígenas, no que diz respeito à origem. Acreditamos que a lógica de estrutura do documento se deu também pelo esforço que havia de inserir os nativos mesoamericanos na história universal cristã, dando a eles um lugar de origem.

Vale salientar, que o processo de destruição e reescrita dos documentos já fazia parte da tradição indígena antes mesmo da chegada dos espanhóis, como foi pontuado por Federico Navarrete, pois os indígenas adaptavam suas histórias de acordo com o momento político no qual a linhagem governante estivesse inserida, buscando dar legitimidade a seus governantes e defendendo seus direitos políticos e territoriais frente aos demais grupos de sua região. Quando os espanhóis chegaram à Guatemala, os indígenas seguiram adaptando suas histórias a fim de legitimar o poder político de sua linhagem e território, porém agora frente aos espanhóis. É dentro desse contexto que os documentos foram reescritos e que buscamos refletir sobre o que pode ter motivado seus autores a reescreverem as histórias de suas comunidades naquele momento específico.

Como vimos no terceiro capítulo da dissertação, *k'iche* e os *kaqchikel* buscaram enaltecer e fortalecer o poder da sua linhagem governante frente aos espanhóis e aos demais grupos vizinhos através da narrativa de determinados acontecimentos do

passado de sua comunidade e da região como um todo. A esse respeito, vale salientar que quando os espanhóis chegaram à Guatemala os *k'iche's* seguiam se expandindo e os *kaqchikel's* eram subordinados a eles. Ao analisarmos o *Memorial de Sololá* e o *Totonicapan*, percebemos que ambos têm como tema central de suas narrativas a fundação de sua capital, de seu território, assim como outros documentos que foram escritos a partir do período colonial, como é o caso do *Historias de los Xpantzay*. Foi possível perceber também a importância dos demais grupos étnicos para a construção de suas histórias, pois as relações interétnicas eram importantes para a dominação política, a expansão econômica das elites e para fortalecer o seu poder.

A veracidade das histórias e a legitimidade desses grupos eram associadas às referências a antepassados relacionados à própria origem destas linhagens, desde a saída da cidade de Tula até a fundação da sua capital. Os indígenas reescreveram suas narrativas buscando legitimar o poder de suas elites sobre os territórios então ocupados pelos espanhóis, e faziam isso retomando ao seu passado, que em tempos pré-hispânicos era transmitido de geração em geração através da oralidade. Dessa forma, podemos concluir que estes documentos foram objetos de reivindicação sobre a posse de terra, além de este tema nortear a construção do conteúdo histórico da linhagem *Xahilá* e *Cawek*.

Outro ponto que chamou nossa atenção durante a pesquisa é que o documento maia *kaqchikel*, *Historias de los Xpantzay*, foi utilizado em um litígio de terra diante da Audiência da Guatemala no século XVII, que foi instalada por Felipe II na região e que funcionava como tribunais locais. Este documento foi apresentado como instrumento que reivindicava o direito sobre a terra ocupada pelos espanhóis, e comprovava através da narrativa sobre o seu passado como a terra foi adquirida em tempos pré-hispânicos por seus ancestrais fundadores, responsáveis pela fundação do território.

Não podemos afirmar aqui que os demais documentos maias foram utilizados com a mesma finalidade em processos sobre litígio de terras, mas seria interessante retomarmos, em outro momento da pesquisa, se os textos ora pesquisados foram apresentados e usados para o mesmo fim: comprovar seu direito sobre a terra perante administração colonial.

FONTES

MEMORIAL de Sololá/Anales de los cakchiqueles. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

CARMACK. Robert M. y James L. Mondloch. *El Título de Totonicapan*. México: UNAM, 1983.

FONTES AUXILIARES

HISTORIA de los Xpantzay de Tecpán Guatemala. Trad. Matilde Ivic de Monterroso. Guatemala: Publicaciones Mesoamericanas, 2009.

TITULO Nijaib I . Trad. Robert M. Carmack. Guatemala: Publicaciones Mesoamericanas, 2009.

TÍTULO de los Señores de Totonicapán. Trad. Andrián Recinos. México; Buenos Aires: FCE, 1948.

POPOL Vuh. Trad. Gordon Brotherston; Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRICKER, Victoria Reifler. *El Cristo indígena, el rey nativo*. El sustrato histórico de la mitología del ritual de los mayas. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- BROTHERSTON, Gordon. *La América indígena en su literatura: los libros del Cuarto Mundo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- CARBONE, Carla de Jesus. *Chicomoztoc, o Lugar das Sete Cavernas, nas histórias nahuas do início do período colonial (1540-1630)*. 2013. 247f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- CARCACHE, Horacio Cabezas. *Gobernantes de Guatemala: siglo XVI*. Guatemala: s.e., 2016.
- COSTA, João Paulo de Oliveira. Diáspora missionária. In: AZEVEDO, C. (ord.) *História religiosa de Portugal*, v.2.
- DELUMEAU, Jean. Os agentes de Satã: idólatras e muçulmanos. In: *História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução Maria Lucia Machado; tradução de notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 386-413.
- ERIKSEN, Thomas Mylland; NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- ENGELS, Odilo. Compreensão do conceito de Idade Média. In: KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian; GÜNTHER, Horst; ENGELS, Odilo. *O conceito de História*. São Paulo: Editora Autêntica, 2013, p. 66-75.
- FARIA, Patrícia Souza de. *A conquista das almas do Oriente: franciscanos, catolicismo e poder colonial português em Goa (1540- 1740)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- FLORESCANO, Henrique. *La conquista y la transformación de la memória indígena*. In: *Los conquistados: 1492 y la población indígena de las Américas* (org.). Edited by Bonilla, Heraclio. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992, p. 67-102.
- FLORESCANO, Enrique. *Los Orígenes del poder em Mesoamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 2009.
- FLORESCANO, Enrique. *Quetzalcóatl y los mitos fundadores de Mesoamérica*. México: Taurus Historia, 2012.
- GARZA, Mercedes de la. *Literatura Maia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980

- GARZA, Mercedes de la. *La expresión literaria de los mayas antiguos*. In: *Historia de la literatura mexicana 1. Las literaturas amerindias de México y la literatura en español en el siglo XVI*, coord. de Beatriz Garza Cuarón y Georges Baudot, México, D. F., Universidad Nacional Autónoma de México / Siglo XXI Editores, 1996.
- GARZA, Mercedes de la. *El legado escrito de los mayas*. México: FCE, 2012.
- GRUZINSKI, Serge. *Os Mundos Misturados da Monarquia Católica e outras Connected Histories*. Topoi, Rio de Janeiro, mar. 2001, pp. 175-195.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e a ocidentalização do México espanhol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- KIRCHHOFF, Paul. Mesoamérica: sus límites geográficos, composición étnica y caracteres culturales. In *Suplemento da Revista Tlatoani*, nº 3, México, 1960.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. A Mesoamérica Antes de 1519. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América Latina Colonial*. Vol. I. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 25-61.
- LINARES, Federico Navarrete. *Los libros quemados y los nuevos libros: paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTORIA DEL ARTE, 21., 1997, Oaxaca. *Anais...* México, UNAM - Instituto de Investigaciones Estéticas, 1998.
- LINARES, Federico Navarrete. *Los orígenes de los pueblos indígenas del Valle de México: los altépetl y sus historias*. México: UNAM - Instituto de Investigaciones Históricas, 2011.
- LINARES, Federico Navarrete. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. 2000. 533f. Tese (Doutorado em Estudos Mesoamericanos) - Facultad de Filosofía y Letras, UNAM, México, 2000.
- LINARES, Federico Navarrete. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. Estudios de Cultura Náhuatl, México, v. 30, p.231-256, 1999.
- LINARES, Federico Navarrete. *Las relaciones interétnicas en México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2004.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo e LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. *Etnicidade e Identidade étnica*. In: Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul (online). São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 30-36.
- MARCOCCI, Giuseppe. *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (séculos XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 429-440.
- MIGNOLO, Walter D. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: *Historia de la literatura hispanoamericana*, vol. 1, 1982, p. 57-116.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. *Dos Livros Adivinhatórios aos Códices Coloniais: uma leitura de representações pictográficas mesoamericanas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. *Memórias fragmentadas: novos aportes à história de confecção e formação do Códice Telleriano Remensis*. Estudo codicológico. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2008.
- MONTORO, Gláucia C. O Dilúvio Universal e a América: relações entre as cosmovisões indígena e cristã no Códice Telleriano Remensis. *Revista Tempo*, vol. 19, n. 35, p.143-160, Jul. – Dez. 2013.
- MONTORO, Gláucia Cristiani. O conceito indígena através dos códices coloniais. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 6., 2004, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: ANPHLAC, 2004, p. 5. Disponível em: <anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/glaucia_cristiani_montoro.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2013.
- MUÑOZ, Manuel Ferrer. *Brasseur de Bourbonnais ante las realidades indígenas de México*. In: *La imagen del México decimonónico de los visitantes extranjeros: ¿un Estado-nación o un mosaico plurinacional?*. coord. de Manuel Ferrer Muñoz. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2002, p. 261-286.
- NAVARRO, Alexandre Guida. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. In: *História*. São Paulo, nº 27, vol. I, p. 347-377, 2008.
- PAZ, María del Carmen Muñoz. (Coord); PRADO, Diana Barrios; CONDE, Josefina Contreras. (Auxiliares de Investigación). *Historia Institucional de Guatemala: La Real Audiencia, 1543-1821*. Guatemala: Universidad de San Carlos de Guatemala: Dirección General de investigación – Centro de Estudios Urbanos y Regionales, 2006.

- POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial*. 2001. 453f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PONCE DE LEÓN, Josefa Iglesias; CIUDAD RUIZ, Andrés. *Las tierras altas de la zona maya en el Posclásico*. In: LUJÁN, Leonardo López; MANZANILLA, Linda. *Historia Antigua de México, volume III: El horizonte Posclásico*. México: INAH, 2001.
- QUEZADA, Sergio Eduardo Carrera. *Las composiciones de tierras en los pueblos de indios en dos jurisdicciones coloniales de la Huasteca, 1692-172*. In: Estudios de Historia Novohispana 52, México, p. 29-50, 2015.
- RABASA, José. *Ecografías de la voz en la historiografía nahua*. Historia y Grafía. México: Departamento de História, Universidad Iberoamericana, p. 105-151, 2005.
- SALOMON, Frank. Crónica de lo imposible: notas sobre tres historiadores indígenas peruanos. Revista Chungará, no. 12, 1984, p. 81-98,
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, vol. 14, p. 241-258, 2004.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, espaço e passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. Histórias e cosmologias indígenas no Popol vuh, livro maia-quiché. In: Revista USP. São Paulo, nº 125, p.109-124, abril/maio/junho 2020.
- SANTAMARINA NOVILLO, Carlos. *El sistema de dominación azteca: el império tepaneca*. 2005. 642f. Tese (Doutorado de Antropología de América) – Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2005.
- SOUZA, Thiago Bastos de. *A “Escrita Franciscana” dos Novos Mundos: crônicas e historiografia no século XVI (Nova Granada)*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.
- SUBRAHMANYAN, Sanjay. *Connected Histories: notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia*. Modern Asian Studies, Cambridge, U.K, v.31, n.3: Special

Issue: The Eurasian Context of the Early Modern History of Mainland South East Asia, 1400-1800, p. 753-762, jul. 1997.

THOMPSON, J. Eric S. *Grandeza y decadencia de los mayas*. México: FCE, 1964.

VAN OSS, Adriaan C. *Catholic Colonialism: A Parish History of Guatemala, 1524-1821*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

VICO, Fray Domingo. *Theologia Indorum*. Guatemala: Instituto de Linguística e interculturalidad, Universidad Rafael Landívar, 2011.

XAVIER, Ângela B. David contra Golias na Goa seiscentista e setecentista. Escrita identitária e colonização interna. *Ler História*, no 49, 2005, pp. 104-143.

